

Relatório Final de Estágio Pedagógico

Relatório Final de Estágio, realizado na Escola Básica 2,3 D. Domingos Jardo, com vista à obtenção do Grau de Mestre em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário

Presidente:

Doutor Carlos Alberto Serrão Santos Januário, Professor Associado da Faculdade de Motricidade Humana da Universidade de Lisboa

Vogais:

Doutor Marcos Teixeira de Abreu Soares Onofre, Professor Associado da Faculdade de Motricidade Humana da Universidade de Lisboa

Mestre Acácio Manuel da Silva Gonçalves, Especialista de Mérito da Faculdade de Motricidade Humana da Universidade de Lisboa

Licenciado José Carlos Pires Corte, Especialista de Mérito da Faculdade de Motricidade Humana da Universidade de Lisboa

Agradecimentos

Aos meus alunos que me permitiram ser Professora;

Ao Professor José Corte pelo acompanhamento, dedicação e contribuição no meu desenvolvimento como Professora;

Ao Professor Acácio Gonçalves pelos momentos de formação;

Ao núcleo de estágio pelo companheirismo e amizade.

À Professora Maria João pela experiência, competência e cooperação;

À Professora Maria José Maciel pela experiência e ajuda;

À comunidade escolar da Escola Básica 2,3 D. Domingos Jardo, pela maneira como me recebeu enquanto Professora Estagiária e, em particular às funcionárias;

Ao grupo de Educação Física, especialmente às professoras Ana Fonseca, Ana Lagoas e Paula Lemos por todos os momentos que partilhámos e por todos os seus conselhos;

Aos meus amigos que, direta ou indiretamente, tiveram influência em todo este percurso;

À Catarina Castela e à Sara Beato pela grande amizade, paciência e pelo apoio durante uma fase difícil da minha vida;

À Mariana Ilona pelos seus conselhos e principalmente pelo apoio incondicional que irei guardar para sempre no meu coração;

A toda a minha família, especialmente ao Pedro Paralta por contribuir diariamente para o meu desenvolvimento como pessoa e cidadã, ao Duarte Neves pelo apoio constante e horas de trabalho realizado em conjunto e à Cristina Malheiro que foi uma ajuda essencial durante o processo final;

À minha mãe, pelo exemplo que é, pelas horas passadas a trabalhar em conjunto, por me fazer acreditar que com dedicação todas as coisas se realizam e por sempre dizer que “com calma e ponderação, tudo se alcança”. Por tudo o que me proporcionou para chegar onde estou, sinto que o seu apoio e otimismo influenciaram todo este processo.

Resumo

O presente relatório final constitui-se como uma análise reflexiva do processo de estágio pedagógico, integrado no Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário.

O estágio foi desenvolvido na Escola Básica 2,3 D. Domingos Jardo, tendo como base o Guia de Estágio Pedagógico de 2014/2015 que explica as competências a adquirir nas quatro áreas de intervenção.

Na área 1- **Organização e Gestão do Ensino e da Aprendizagem**, refiro a relação existente entre planeamento, condução e avaliação nas aulas de educação física.

Na área 2- **Inovação e Investigação Pedagógica**, o núcleo de estágio desenvolveu um estudo sobre a pertinência da utilização de uma grelha comum de registos para a uniformização dos resultados das avaliações dos professores.

Na área 3- **Participação na Escola**, estive integrada no Desporto Escolar, na modalidade de Natação Adaptada e desenvolvi a atividade “Quintal Desportivo”.

Na área 4- **Relação com a Comunidade**, faço referência ao acompanhamento da Direção de Turma.

Em cada uma das áreas será realizada uma reflexão sobre a prática pedagógica, as dificuldades encontradas e as estratégias utilizadas para as ultrapassar.

Por último, realizarei uma reflexão final sobre todo o processo inerente ao estágio, referindo os contributos que este teve para a minha formação e as linhas orientadoras criadas para o meu futuro como professora de Educação Física.

Palavras-Chave: Reflexão, Dificuldades, Diretor de Turma, Educação Física, Estratégias, Formação, Processo ensino-aprendizagem, Alunos, Cooperação, Desporto Escolar

Abstract

This final report is a reflective analysis of the teacher training internship process as a part of my Masters in Teaching Physical Education in Middle and High School.

The intership took place at Escola Básica 2,3 D. Domingos Jardo, using a Guide of Teaching Training Intership from 2014/1015 as a reference, as it defines the skills to develop throughout the four areas of intervention.

In area 1 – **Organization and Management of Teaching and Learning** – I address the correlation between planning, directing and evaluation in Physical Education class.

In area 2 – **Educational Innovation and Investigation** – the training group researched if the use of a common grid of records helps in the standardization of the results from teachers' evaluations.

In area 3 – **Involvement in School** – I took part in the School Sports program, in Adapted Swimming, and created “Quintal Desportivo” (“Sports Garden”).

In area 4 – **Relationship with the Community** – I highlight the assistance to/of the Class Director.

In each area will be presented an assessment of the teaching experience, the challenges faced and the strategies used to overcome them.

Lastly, I will present my final thoughts on the process inherent to the internship, and how it contributed to my education and in establishing the guidelines for my future as a Physical Education Teacher.

Keywords: reflection, challenges, Class Direction, Physical Education, strategies, Education, teaching-learning process, students, cooperation, School Sports program.

Abreviaturas

AF – Avaliação Formativa

AI – Avaliação Inicial

ASE - Ação Social Escolar

DT- Diretor de turma

DE - Desporto Escolar

EBDDJ – Escola Básica D. Domingos Jardo

DEF – Departamento de Educação Física

EE – Encarregado de Educação

EF – Educação Física

ESMA - Escola Secundária Matias- Aires

EVT - Educação Visual e Tecnológica

GEF – Grupo de Educação Física

IE - Investigação Educacional

PAA – Plano Anual de Atividades

PAI- Protocolo de avaliação inicial

PAT- Plano anual de turma

PE – Planos de Etapas

PEA – Projeto Educativo do Agrupamento

PNEF - Programa Nacional de Educação Física

NE - Núcleo de estágio

NEE – Necessidades Educativas Especiais

TIC – Tecnologias de Informação e Comunicação

UE – Unidade de Ensino

Índice

Introdução.....	1
Contextualização	3
Escola.....	3
Departamento de Educação Física	9
Grupo de Educação Física	11
Núcleo de Estágio.....	20
Recursos físicos e materiais para as aulas de Educação Física.....	23
Turma – 7º B.....	25
Área 1 - Organização e Gestão do ensino e da aprendizagem.....	30
Planeamento:	30
Avaliação:	35
Condução:	37
Área 2 – Inovação e Investigação.....	41
Área 3 – Participação na Escola.....	45
Área 4 – Relação com a Comunidade.....	48
Articulação entre as diferentes áreas de estágio.....	52
Considerações Finais e Perspetivas para o Futuro.....	54
Referências Bibliográficas	57

Introdução

O presente relatório surge no âmbito do Curso de Mestrado em Educação Física e, pretende explicitar o percurso de aprendizagem durante o estágio realizado no ano letivo de 2014/2015 na Escola Básica D. Domingos Jardo. Este trabalho baseou-se não só na mobilização do enquadramento profissional do exercício do professor de Educação Física, como também na evidência científica. Sempre mediante uma perspetiva de reflexão, este relatório procura evidenciar a apropriação das experiências vivenciadas com reflexo no desenvolvimento das competências definidas no Estágio Pedagógico do Mestrado em Ensino da Educação Física (EF) no Ensino Básico e Secundário, da Faculdade de Motricidade Humana (FMH) e atribuídas àquele que possui grau de mestre.

Este exercício é de grande importância para quem que pretenda evoluir e aperfeiçoar-se no exercício da sua profissão. No Universo do Ensino, é essencial que esta consciência, necessidade de autocrítica e constante aprendizagem estejam bem presentes, ou não fossem estas algumas das principais características de um docente competente (Sarmiento, 2004).

Foi com essa consciência e responsabilidade presentes que, desde o início, orientei o meu percurso nesta oportunidade formativa única que o Estágio me proporcionou. A análise crítica e reflexiva do meu desempenho tem acompanhado sempre este trajeto, e, ao elaborar este documento irei pronunciar-me sobre as dificuldades/problemas encontrados e também as minhas potencialidades em relação a cada uma das competências definidas para cada área, inventariando-as e priorizando-as.

Durante a apreciação do projeto de formação irei refletir sobre os efeitos dos processos formativos no meu desenvolvimento pessoal e profissional, considerando sempre as competências já dominadas, o conhecimento teórico e conceptual adquirido na formação inicial e as necessidades emergentes de formação.

Numa primeira parte deste relatório é apresentada uma contextualização do local onde se desenvolveu o estágio, com a caracterização da escola, do Departamento de Educação Física, dos recursos espaciais e materiais disponíveis para a lecionação da disciplina. Seguidamente, e, com especial ênfase, farei a caracterização da turma que acompanhei durante o ano letivo 2014/2015.

Na segunda parte apresentarei uma análise reflexiva das quatro áreas que compõem o estágio: “Organização e Gestão do ensino e da aprendizagem”, “Inovação e Investigação”, “Participação na Escola” e “Relação com a Comunidade”. Em cada área

são referidas as atividades desenvolvidas, procurando refletir sobre as dificuldades que surgiram durante este processo, as estratégias utilizadas para as colmatar e o seu contributo para o meu futuro profissional.

Em suma, este relatório apresenta-se como uma tentativa de apreciação de todo o trabalho realizado durante o Estágio Pedagógico, considerando todas as dimensões, tanto do Estágio como da minha pessoa, com o principal intuito de criar linhas orientadoras para o meu futuro como profissional.

Contextualização

Escola

A Escola Básica D. Domingos Jardo (EBDDJ) está inserida no Agrupamento de Escolas Aqualva Mira Sintra (AEAMS) que foi constituído no ano de 2013. Deste agrupamento fazem parte as seguintes escolas e Jardins de Infância: Escola Secundária de Matias Aires (ESMA); Jardim de Infância n.º2 do Cacém; Escola Básica de Mira Sintra; Escola Básica n.º2 de Mira Sintra; Escola Básica de Meleças; Escola Básica Lopas; Escola Básica Dr. António Torrado; Escola Básica D. Domingos Jardo (EBDDJ). Trata-se de um agrupamento de 8 escolas, em que a Escola Secundária Matias de Aires constitui a sede do mesmo. Atualmente, o AEAMS contabiliza um total de 2622 alunos (231 alunos de Pré-Escolar; 875 alunos de 1º ciclo; 491 alunos de 2º ciclo; 649 alunos de 3º ciclo; 258 alunos de Secundário; 118 alunos de Cursos Vocacionais). As escolas deste agrupamento situam-se predominantemente na União de Freguesias Aqualva Mira Sintra, concelho de Sintra, abrangendo uma área geográfica algo dispersa, contando com uma população escolar bastante heterogénea a nível sociocultural. A proximidade geográfica existente entre as diversas escolas e o facto de abrangerem diferentes níveis e ciclos de ensino constituem-se como fatores fundamentais para a promoção de um percurso sequencial e articulado aos alunos. Não obstante, e tal como refere Duarte (2009) para haver uma articulação efetiva não nos podemos cingir a uma junção de estabelecimentos de ensino, com todas as questões organizativas que tal envolve. É necessário que haja um envolvimento em torno de um projeto coletivo, implicando um imenso trabalho colaborativo, assim como a partilha e homogeneização das práticas entre docentes.

O agrupamento favorece a articulação entre as escolas, nomeadamente na planificação e concretização de atividades para os diversos níveis de ensino/educação. Seguindo esta linha de pensamento, Duarte (2009) refere que agrupar escolas de diferentes ciclos implica a existência de um Projeto Educativo que serve como linha de orientação para todo o trabalho a desenvolver, e, que a sua concretização só terá sucesso se existir trabalho colaborativo entre os docentes. Assim, a extensão e a eficácia desse trabalho colaborativo resultará necessariamente no sentido de otimização do percurso escolar dos alunos, potenciando o sucesso, uma vez que se esbatem as diferenças da transição de ciclo, fruto de uma melhor integração e de um maior conhecimento das práticas em cada um dos níveis de ensino.

Durante o estágio pedagógico não tive conhecimento do modo como é realizada a articulação nos restantes departamentos disciplinares, mas na disciplina de Educação Física existe esta articulação entre todos os docentes do departamento. Destaco as reuniões mensais de Departamento como momentos fulcrais na promoção da colaboração, partilha e interajuda. Estas reuniões serviram, não só como ponto de partida para a identificação das necessidades dos estudantes e organização das atividades pré-definidas consonantes com o projeto de escola, como também foram alturas para reflexão, argumentação e constante aprendizagem. O facto de podermos participar nestes momentos menos formais com os “colegas” que partilham da mesma “paixão”, cada um com diferentes vivências, serviu de motivação e aprendizagem fundamentais para quem está a dar os primeiros passos num caminho que ainda se vislumbra pouco claro.

Decididamente, realizar o estágio numa escola agrupada proporcionou-me algumas oportunidades que contribuíram positivamente neste percurso, tais como planear e realizar atividades que englobam os diferentes níveis de escolaridade, como o projeto “Quintal Desportivo” onde estiveram envolvidos os alunos do 1º ciclo de todas as escolas do AEAMS e os alunos dos cursos Vocacionais da EBDDJ. A atividade teve como principal objetivo promover a interação entre todos os alunos do 4º ano das várias escolas do 1º ciclo do agrupamento, através da prática da atividade física, sendo que foi necessário conceber as atividades, nas suas múltiplas vertentes, tendo em conta o nível etário e de desempenho físico dos participantes, tornando-a atrativa e gratificante para todos. Foi sem dúvida uma experiência enriquecedora da minha formação, tanto em termos de planeamento de atividades adequadas e adaptadas às diferentes idades, como também na organização e gestão do tempo e dos recursos humanos e materiais, necessários à sua realização com sucesso.

A Escola Básica D. Domingos Jardo situa-se na freguesia de Mira Sintra na Rua 1º de Maio tendo sido inaugurada no ano de 1979. A sua designação surge em homenagem a Dom Domingos Anes Jardo que exerceu um papel importante no fomento da cultura na época, constando ainda o facto de que terá sido o próprio D. Domingos Jardo a sugerir a criação da Universidade, em Portugal, junto de D. Dinis. D. Domingos Anes Jardo nasceu na Quinta dos Lóios, próxima da ribeira das Jardas, em Aqualva – Cacém, tendo falecido no ano 1293.

A escola é constituída por 7 pavilhões e um campo de jogos exterior. No Pavilhão Central encontra-se a sala de Professores com bar para professores, a sala de diretores de turma, salas de atendimento aos encarregados de educação, sala de coordenação do estabelecimento, secretaria, reprografia/papelaria, bar dos alunos,

refeitório, salas de TIC, auditório, recepção, sala de pessoal não docente e arquivo geral. A sala de professores é um local onde os docentes podem conviver com os restantes colegas, trabalhar e comer de forma mais rápida pois tem um bar “privado” aberto até às 17h. Durante o meu estágio, este constituiu um espaço mais direcionado para o convívio, uma vez que os locais onde realizei a maior parte do meu trabalho ao longo do ano letivo foram o auditório e as salas de atendimento aos encarregados de educação (EE) e de diretores de turma. O gabinete de Educação Física é um espaço muito reduzido para 8 professores e 3 estagiários, por isso era utilizado essencialmente para a introdução dos sumários no INOVAR (sistema operativo utilizado pelo AEAMS), realização das reuniões de núcleo de estágio e eventuais partilhas de ideias e clarificação de dúvidas antes das aulas. Na sala de diretores de turma e de atendimento aos EE desenvolvi parte do trabalho inerente à direção de turma. A existência destes dois espaços permite ao diretor de turma aceder a todas as informações dos alunos, tratar de todos os assuntos relacionados com a direção de turma e ter um espaço mais reservado para falar com os encarregados de educação, apesar de frequentemente não ser suficiente visto haver uma grande afluência de pais. Convém referir que o horário de atendimento aos EE, à hora do almoço e ao final da tarde, ia ao encontro da disponibilidade dos pais, estimulando com isso uma maior interação. Nestes períodos de maior ocupação dos espaços, facultavam-me, conforme a disponibilidade, ou uma sala perto da secretaria que está disponível para eventuais apoios/reuniões ou uma sala de TIC.

Tanto o refeitório como os bares têm ótimas condições e as responsáveis pelo bar dos alunos fazem uma seleção cuidada não só dos produtos que disponibilizam como também da quantidade adequada. É motivador presenciar/partilhar o espírito de preocupação, civismo e respeito por parte das Assistentes Operacionais para com os alunos e a sua vontade de ajudar a melhorar a qualidade de vida destes estudantes dentro das suas limitações na área de intervenção. Fico grata pelo apoio e disponibilidade que me ofereceram, que sem dúvida facilitou a minha rápida integração na comunidade escolar.

No pavilhão A existe a sala de Matemática, a sala de Estudo onde os alunos podem realizar trabalhos ou consultar a internet (um apoio da biblioteca), a biblioteca, a sala de atividades educativas funcionais, onde trabalha o Núcleo da Educação Especial que apoia os alunos com Necessidades Educativas Especiais de carácter permanente (com 3 salas), a sala de ciências físico-químicas, três salas de aula, uma sala de acompanhamento para onde são direcionados os alunos que recebem ordem para saírem da sala antes de terminar a aula. Ao transitarem de sala, estes alunos levam a

informação escrita pelo professor, sobre a infração cometida. Na minha opinião esta sala é uma mais-valia, uma vez que os alunos têm uma tarefa para cumprir e são acompanhados por um docente que contacta de imediato o EE e reporta a situação em causa. De referir ainda, que nesta mesma sala foram realizadas diversas reuniões do núcleo de estágio, onde foram discutidos e trabalhados os vários assuntos específicos do nosso processo de formação.

“Com a aplicação do Decreto-Lei n.º 3/2008, houve a necessidade de se proceder a uma reavaliação criteriosa dos seus princípios, o que justifica a redução que se verificou em 2008/2009, tendo posteriormente aumentado em função da integração dos alunos com dislexia e hiperatividade, excluídos na 1ª fase da reavaliação já mencionada. A crescente procura de alunos com NEE, designadamente de alunos com Currículo Específico Individual, ditou a candidatura da escola, em 2010, à implementação de uma Unidade de Ensino Estruturado.” Projeto Educativo AEAMS

O Núcleo de Educação Especial destaca-se não só na sua organização de apoios específicos, mas também pela comunicação ativa com o conselho de turma e mais especificamente com o DT. Uma equipa dinâmica e cuja intervenção me influenciou bastante neste estágio pedagógico, pois motivou o meu envolvimento e permitiu-me a integração ativa na equipa de Natação Adaptada através do Desporto escolar.

No pavilhão B encontramos a sala de ciências naturais, a sala de educação tecnológica, a sala de TIC e 5 salas de aula. No pavilhão C existem 2 salas de música, uma sala de aula e uma sala de apoio aos professores. Os pavilhões D e E são ambos constituídos por 7 salas de aula e duas salas de EVT.

Existe ainda o Pavilhão Polidesportivo do qual fazem parte o gabinete de professores de EF, a sala do pessoal auxiliar, dois balneários, campo de Jogos G1 e G2 (G = ginásio), campo de jogos E1 e E2 (E = Exterior), pista de atletismo (exterior), bancadas, arrecadação e galeria onde estão dispostos os “troféus” das escola e onde os alunos assistem aos torneios interturmas.

Projeto Educativo do Agrupamento (PEA)

Segundo o artigo 4º do Regulamento Interno do AEAMS, o Projeto Educativo é o documento que consagra a orientação educativa do agrupamento, constituindo um dos principais instrumentos da sua autonomia. Este é um documento claro quanto à forma e objetivos e sua respetiva operacionalização, devendo partir de uma identificação e avaliação dos problemas para a definição de um conjunto de metas e estratégias que o agrupamento se propõe cumprir. No caso da EBDDJ, e tendo sido esta escola – sede do anterior Agrupamento de Escolas D. Domingos Jardo, o Projeto Educativo que se encontra disponível é de 2010 – 2013, não se encontrando ainda outro documento atualizado. Desta forma, foi utilizada esta versão (2010 – 2013) para completar a atual contextualização, através de um conhecimento mais consistente acerca dos procedimentos previstos pela escola para dar resposta aos problemas educativos encontrados – desde o desenvolvimento e melhoria do relacionamento entre todos os elementos da comunidade educativa, ao desenvolvimento de medidas que permitam a criação de percursos escolares adequados a cada aluno e a sua integração na Escola.

De acordo com o Projeto Educativo, foram definidos pelo Agrupamento de Escolas Agualva Mira Sintra os seguintes objetivos e descritas algumas metas:

- Promover uma cultura de escolaridade prolongada e qualificante – Redução do insucesso escolar e Manutenção da taxa de abandono escolar em níveis inferiores a 0,5%;
- Promover a cultura como forma ativa do saber – 20 % dos alunos participarem em eventos culturais;
- Valorizar o mérito e a excelência – Aumento em 5% do n.º de alunos integrados em quadro de Honra;
- Promover a articulação, a sequencialidade e a gestão pedagógica e curricular como elementos centrais da atividade docente – Aumento do n.º de medidas de diferenciação pedagógica e da articulação entre os ciclos e entre as diferentes disciplinas;
- Promover a formação pessoal e social dos alunos e a educação para a cidadania- Diminuição do n.º de ocorrências disciplinares em 20%;
- Promover a responsabilização dos encarregados de educação pela vida escolar dos seus educandos - Aumento da participação dos Encarregados de Educação em 10%;

- Desenvolver os princípios da solidariedade e da cidadania como elementos centrais da construção do ser humano e da sua identidade- Aumento em 10% dos alunos que participam em ações de apoio social;
- Educar para a saúde e para o ambiente - Aumento em 20 % dos hábitos de vida saudáveis;
- Melhorar a qualidade do ambiente escolar - Aumento em 15% do nível de satisfação dos diferentes atores escolares em relação à avaliação global do Agrupamento.

Importa ainda referir que, para além destes objetivos gerais, o Projeto Educativo incorpora outros aspetos relevantes e fundamentais como: os critérios de constituição de turmas, de distribuição de serviço, a elaboração de horários, os critérios gerais de avaliação, a promoção de ações internas de formação, entre outros (caraterização da escola). A elaboração de um projeto educativo comum constitui-se como um aspeto fundamental, uma vez que contém os princípios, valores, metas e estratégias segundo os quais o agrupamento de escolas se propõe a cumprir a sua função educativa, servindo de linha orientadora comum a todos os agentes que compõem a comunidade educativa. Deste modo, e de acordo com a opinião de Duarte (2009), haverá um menor impacto negativo, aquando da transição dos alunos entre escolas da mesma unidade organizacional, uma vez que já houve contacto prévio entre os alunos, com o espaço físico e as práticas utilizadas em cada estabelecimento de educação que integra o agrupamento.

No que diz respeito ao plano anual de atividades, este visa incluir todas as atividades a desenvolver ao longo do ano letivo e é organizado pelos diferentes departamentos curriculares do agrupamento, posteriormente serão referidas as incumbidas ao DEF. Este documento não é estanque, estando aberto a alterações ao longo do ano letivo, tendo sempre como referência não só o Regulamento Interno como também o PEA.

Departamento de Educação Física

O Departamento de Educação Física tem uma coordenadora, eleita pelos 14 professores que o constituem. Sete professores da ESMA (que inclui a coordenadora do departamento), oito professores e três estagiários da EBDDJ. As funções da coordenadora incluem convocar e presidir às reuniões do departamento e resolução de problemas e assuntos referentes à disciplina. Promove ainda a articulação entre os docentes permitindo um trabalho coerente na equipa e uma maior continuidade no processo de ensino – condição que facilita a articulação entre as escolas, EBDDJ e ESMA, e que se repercute favoravelmente na aprendizagem dos alunos. Uma outra função recaiu sobre uma professora da EBDDJ, nomeadamente a coordenação de instalações, sendo assim, foi sugerido que o núcleo de estágio realizasse o inventário do material da disciplina na EBDDJ. Embora o estágio pedagógico não tenha como objetivo desenvolver competências na área da gestão de recursos dos espaços físicos e de materiais, considero que esta experiência comporta vantagens, na medida em que para além de ficarmos a conhecer o material existente e assim melhorar o planeamento. Envolveu atividades que exigem capacidade de iniciativa e criatividade, cooperação entre colegas, num clima de interajuda e responsabilidade e transmite fundamentos para que, futuramente, haja um desempenho eficaz destas mesmas funções.

Todo o trabalho realizado no departamento ao longo do ano letivo é orientado pelos seguintes documentos: os Programas Nacionais de Educação Física; o Regulamento Interno da Escola; o Projeto Educativo do Agrupamento; o Projeto Curricular de Educação Física; os Protocolos de Avaliação (Inicial e Sumativa); o Plano de Anual de Atividades e os Critérios de Avaliação. É com base nestes documentos que os professores organizam e planeiam o seu trabalho, evidenciando diferentes formas de concretização. Os Programas Nacionais de Educação Física (PNEF), tal como referido relativamente ao agrupamento, são os principais documentos orientadores dos professores de Educação Física e contribuem para a construção dos restantes. A conceção da Educação Física centra-se no valor educativo da atividade física pedagogicamente orientada para o desenvolvimento multilateral e harmonioso do aluno (Jacinto, Comédias, Mira & Carvalho, 2001). Assim, os PNEF “constituem um guia para a ação do professor que, sendo motivado pelo desenvolvimento dos seus alunos, encontra aqui os indicadores para orientar a sua prática, em coordenação com os professores de EF da escola (e das «escolas em curso») e também com os seus colegas das outras disciplinas”(p.5). Os PNEF servem também de base para a construção dos Protocolos de Avaliação e do Projeto Curricular de Educação Física,

sendo este último um documento muito utilizado durante as avaliações inicial, formativa e sumativa, pois descreve as metas para cada nível e orienta a organização do trabalho dos professores.

É de referir que o Departamento de Educação Física só abrange o 2ª e 3º ciclos do ensino básico e o secundário (EBDDJ e da ESMA). Nas escolas do 1º ciclo esta disciplina é considerada extra curricular e ministrada por professores colocados pelas autarquias e associações de pais. Não obstante este facto, acredito que deveriam existir reuniões entre os professores de Educação Física de todas as escolas do agrupamento, com o objetivo de definir uma linha orientadora das práticas pedagógicas nos vários níveis de ensino, que fosse comum e transversal a todos. Discrepâncias podem ser observadas, por exemplo, ao nível dos critérios de classificação da disciplina de Educação Física entre diferentes escolas do mesmo agrupamento. Como tal, e no sentido de minimizar essas discrepâncias a existência de reuniões entre os professores revela-se fundamental, se tiverem como principal objetivo delinear objetivos, de forma articulada e sequencial, partilhando experiências e homogeneizando os conteúdos e práticas educativas, os critérios de avaliação e indicadores assim como as metodologias e estratégias utilizadas. Deste modo, estas reuniões revelam-se indispensáveis, uma vez que trabalhar o currículo em diferentes escolas permite aumentar a coerência no percurso educativo dos alunos nos diferentes níveis.

Grupo de Educação Física

Durante o período em que decorreu o estágio, o grupo de Educação Física era constituído por oito professores e três estagiários da Faculdade de Motricidade Humana, sendo que quatro professores lecionaram o 2º ciclo, duas professoras lecionaram o 2º e 3º ciclos e os dois professores restantes com os estagiários lecionaram o 3º ciclo.

Cada professor de Educação Física foi responsável por um núcleo de desporto escolar existente na escola (Natação, Voleibol, Futsal, Badminton, Atletismo, Patinagem, Surf e Natação Adaptada), sendo que cada um dos estagiários acompanhou um desses núcleos. Deste modo, os alunos tiveram oportunidade de aprender e desenvolver a prática em vários desportos e foram guiados por professores experientes. Durante a minha formação como professora foi essencial este acompanhamento, porque tive a oportunidade de aprender através da observação e análise da intervenção pedagógica do professor responsável pelo núcleo de natação adaptada. De realçar que uma das professoras, devido à sua licença de maternidade, foi substituída logo no 1º período, e ainda que o Voleibol foi assegurado pelos estagiários durante o 1º período até a chegada de um professor da ESMA.

A carga letiva atribuída à disciplina de Educação Física é de três blocos de 60 minutos, no caso do 7ºB as aulas realizaram-se às segundas, terças e sextas. Nos PNEF encontra-se expresso que “Na atual reorganização curricular do Ensino Básico, a carga horária semanal atribuída à EF é no mínimo de 135 minutos, tempo útil de aula, o que cria a possibilidade de manter o número de sessões de prática desejável, com a sua distribuição em três sessões 45'+45'+45.” Jacinto et al. (2001) afirmam ainda que está reconhecido, cientificamente, que as crianças devem realizar atividade física diariamente, e que três dias por semana representam a frequência mínima necessária para que sejam reconhecidos benefícios para a saúde, justificando a lecionação da disciplina em três dias da semana, preferencialmente em dias não consecutivos. Por questões de logística, nem sempre é fácil encontrar as soluções horárias mais adequadas no sentido de garantir que as turmas beneficiem de três tempos letivos semanais em dias interpolados.

Será que o tempo total de aula é equivalente ao tempo útil? A minha experiência mostrou-me que não, pois existem demasiadas variáveis que reduzem consideravelmente o tempo de aula, como o tempo que os alunos despendem a equipar-se, sem contar com as interrupções imprevistas (dúvidas, incidentes, transições nas tarefas, entre outros) durante a aula propriamente dita. A rotina que fui

criando ao longo do ano consistia em 5min para equipar e 5min para realizar a chamada (o que perfaz o tempo de tolerância para falta de atraso) seguido de um momento de preleção, depois 45 da aula propriamente dita (prática e instrução/feedback complementar) e por fim 5 minutos de alongamentos enquanto se revia a matéria da aula e se projetava a aula seguinte. Com isto, na minha opinião, os 60 minutos são a duração ideal, o suficiente para conseguir aproximadamente 45 minutos de tempo útil de aula, como recomendado e que os alunos permaneçam motivados e interessados nas tarefas. Assim, visto que o 7º ano é um ano de transição do 2º ciclo para o 3º, considero que tive muita sorte em ter ao meu dispor estas condições de trabalho.

Na Escola Básica Dom Domingos Jardo, é habitual existirem 4 turmas a ter aula de Educação Física em simultâneo, em cada bloco de 60 minutos, o que poderá inviabilizar a possibilidade das aulas não serem lecionadas em três dias da semana intercalados para todas as turmas. Apesar disto, acredito que esforços devem continuar a ser reunidos para que haja uma aproximação das suas práticas às diretrizes nacionais, preconizadas pelos Programas Nacionais de Educação Física (PNEF), tal como é característico deste grupo.

As suas orientações provêm dos principais documentos orientadores dos professores de Educação Física, já referidos no trabalho do Departamento de EF, tais como o projeto curricular de Educação Física, o protocolo de avaliação inicial e os critérios de avaliação de Educação Física, estes documentos traduzem os compromissos coletivos do grupo. São documentos que se revelaram fundamentais e de consulta recorrente, na orientação de todo o processo de ensino e de aprendizagem, suportando tomadas de decisão no âmbito do planeamento, condução e avaliação ao longo do ano letivo. No entanto, e com o objetivo de contribuir para uma melhoria das práticas pedagógicas, o NE procedeu a uma análise minuciosa de todos os documentos. Construí uma nova ficha de participação na aula, que os alunos preenchem individualmente quando não podiam participar na aula, mais descritivas (para que o aluno estivesse sempre com atenção) e com itens que poderiam ser úteis para o meu desenvolvimento de competências como professora. Esta ficha permite também a recolha de informação útil ao planeamento das atividades adequadas aos alunos e adaptadas às suas potencialidades e capacidades, enriquecendo deste modo o meu processo de aprendizagem como professora. Esta ficha tem ainda mais duas características vantajosas, não só facultar uma melhor perceção das capacidades dos alunos, como também uma melhor compreensão das relações entre eles (“Quem tem mais dificuldade?” “Para quem é mais fácil?”). Esta ficha durante o estágio foi

disponibilizada no gabinete de EF, junto das antigas, para que todos os professores interessados as pudessem utilizar.

A organização geral das práticas letivas, expressas no plano plurianual, é assumida de igual forma por parte de todos os professores do grupo. A organização geral do ano letivo é efetivada em etapas, ou seja, em “períodos mais reduzidos de tempo que facilitem a orientação e regulação do processo de ensino e de aprendizagem. Estas devem assumir características diferentes ao longo do ano letivo, consoante o percurso de aprendizagem dos alunos e as intenções do professor” (Jacinto et al., 2001, p. 25) que no caso da EBDDJ são as seguintes: Avaliação Inicial com a duração de 6 semanas; Aprendizagem e Desenvolvimento com a duração de 8 semanas; Aprendizagem, Desenvolvimento e Aplicação com a duração de 10 semanas; e Consolidação/Revisão com duração de 8 semanas. Contudo, o fato de o grupo definir que em todas as etapas devem ser lecionadas todas as matérias, que existem semanas marcadas para os testes do Fitnessgram e dos espaços não serem todos polivalentes (a chuva é um fator que restringe consideravelmente a aula, quando existem mais do que duas aulas a decorrer em simultâneo, pois só existem dois espaços interiores), limitam, de certo modo, a organização do processo de ensino e de aprendizagem que o professor pretende promover com uma determinada turma. Considerando que cada professor conhece as características e as necessidades dos seus alunos, assim como as prioridades anuais, o mesmo deverá efetuar uma gestão do currículo em que prioriza as matérias em que as aprendizagens se encontram mais fracas. Importa ainda referir, que está implícito nessa gestão que as matérias que não sejam lecionadas nessa etapa tenham, obrigatoriamente, que ser abordadas na etapa seguinte.

Reportando-me ao planeamento realizado para a turma sobre a qual fiquei responsável, e uma vez que todas as matérias tinham que ser abordadas no conjunto das aulas deste ano letivo, algumas estratégias tiveram que ser encontradas com o objetivo de priorizar as matérias em que os alunos apresentavam maiores dificuldades. Foi realizada uma avaliação inicial com o objetivo de identificar as áreas fortes e mais fracas dos alunos. Com base nesses resultados, as estratégias utilizadas passaram por destinar um maior tempo de contato com as matérias que os alunos apresentavam maior dificuldade, assim como realizar um acompanhamento mais minucioso às mesmas. Também foi realizado um planeamento e organização das atividades, para que as mesmas fossem abordadas em todas as etapas de ensino do ano letivo. As atividades pontuais e organizadas no decurso do ano letivo que refletem as “atividades físicas e do papel cultural e educativo da EF, que segundo Brás e Monteiro (1998) são

fundamentais para a afirmação da EF e o seu entendimento no âmbito da escola” (p. XII).

Fazendo uma primeira referência às atividades de complemento curricular, o grupo de Educação Física teve a preocupação de organizar atividades que compreendam os vários níveis e ciclos de ensino, no âmbito da atividade física e desportiva. Destaco os *MegaSprints*, a “DDJ a Nadar”, os “Inter-turmas”, o “Corta-mato” e o dia do “Quintal Desportivo”, anteriormente mencionado.

Os torneios interturmas foram realizados na última ou penúltima semana de cada período, organizados pelos professores do GEF (a equipa responsável alterava entre os professores do grupo) e englobavam todos os anos de escolaridade da EBDDJ. Particpei ativamente em todos eles, onde estive não só envolvida nos jogos, como também a fazer o registo dos alunos da assistência e ficar responsável por eles durante o suposto período das aulas. Já no que diz respeito ao Corta-Mato, os planos não correram como previamente planeado, pois no dia da realização da primeira etapa as más condições climatéricas impossibilitaram a sua realização no exterior. Com o objetivo de ultrapassar esta adversidade, foram ajustadas as atividades, e os alunos que estavam inscritos no corta-mato foram direcionados para dentro do pavilhão para, juntamente com os alunos dos cursos vocacionais (que estavam responsáveis por algumas tarefas da organização do evento), realizarem outras atividades, nomeadamente jogos tradicionais portugueses e danças africanas. Este ajustamento exigiu alguma criatividade e adaptabilidade face à adversidade, e permitiu ainda refletir para a importância de estar preparada para tomar decisões no sentido de procurar alternativas. O envolvimento dos alunos dos cursos vocacionais permitiu-me contactar com alunos de outros níveis e diferentes faixas etárias, o que exigiu uma adaptação das estratégias de ensino, e também promoveu a cooperação e a interajuda entre os alunos.

O nosso envolvimento enquanto núcleo de estágio nas atividades de enriquecimento curricular já referidas, permitiu-nos não só, aprender algumas estratégias para mobilizar a comunidade escolar para a realização de atividade física e desportiva, envolvendo todos os níveis de ensino na mesma atividade, mas também desenvolver competências a nível organizativo, indispensáveis ao sucesso das mesmas. No entanto, as matérias escolhidas podiam ser alvo de alteração de ano para ano, ou até mesmo haver a inclusão de torneios que envolvessem outro tipo de matérias, como por exemplo a patinagem e o surf, sendo matérias abordadas no DE da escola em questão e às quais é dada uma grande importância; ou através do núcleo de natação adaptada realizar uma atividade que promovesse a interajuda entre alunos do ensino

regular e os com necessidades especiais educativas; ou ainda através da exploração de matérias do currículo da disciplina de Educação Física que não são muito abordadas na escola, como por exemplo as atividades de exploração da natureza. Para a execução desta última atividade, podia ser destinado um dia do ano letivo em que todas as turmas, de todos os níveis de ensino se deslocariam até um determinado local previamente escolhido e analisado para o efeito, podendo ser na Serra de Sintra, onde professores e alunos, organizados em equipas, teriam que realizar um percurso de orientação. Esta atividade iria envolver não só outros profissionais e instituições (Câmara Municipal) e permitir uma articulação interdisciplinar, por exemplo com a disciplina Ciências, enriquecendo a atividade em questão e fortalecendo a importância do papel da disciplina de Educação física no currículo, perante a comunidade escolar.

No que diz respeito às atividades de desporto escolar o grupo procura oferecer o maior número de modalidades que encontra ao seu alcance, como já referido anteriormente. As atividades extracurriculares, quando praticadas, comportam efeitos positivos na educação, particularmente ao nível do comportamento e dos resultados escolares dos alunos (Massoni, 2011; Centers for Disease Control and Prevention, 2010). No entanto, a sua operacionalização torna-se complexa pela difícil conciliação entre os horários e os espaços disponíveis para o desporto escolar e a disciplina de Educação Física. A dificuldade na oferta de uma maior diversidade nas modalidades no desporto escolar, surge porque os horários e espaços disponíveis se cingem, maioritariamente, ao período compreendido entre as 12h50 e as 14h10. Contudo, cada núcleo de desporto escolar tem a preocupação de disponibilizar, pelo menos dois treinos semanais, consoante os períodos letivos dos alunos, nomeadamente os do período da manhã e os do período da tarde, por forma a permitir a prática das modalidades a todos os alunos da escola. Isto perfaz um total de um treino por semana para a maior parte dos alunos. No entanto, os núcleos de Surf e Natação Adaptada, apesar de serem treinos mais longos, apenas se realizam uma vez por semana. O Surf pela necessidade de transporte até à praia e os elevados custos que envolve e a natação adaptada por limitação na disponibilidade da Piscina Municipal de Mira Sintra (Aigualva-Cacém).

As atividades extracurriculares desportivas promovem a aquisição de competências necessárias ao desenvolvimento de um adulto de sucesso no futuro, tais como a liderança, o trabalho em equipa, a organização, a disciplina e a resolução de problemas, assim como também contribui para a eliminação de alguns estereótipos ainda existentes na sociedade. Pelo facto de estarem integrados nas atividades extracurriculares da escola, os alunos estão a ser supervisionados e orientados por

profissionais qualificados (Massoni, 2011), o que não só diminui o risco de comportamentos desviantes como também promove comportamentos saudáveis aumentando os níveis de atividade física. Deste modo, acredito que a existência de mais um treino semanal, mesmo sendo realizado após as aulas da tarde, de forma a possibilitar a prática desportiva a todos os alunos da escola, independentemente do seu horário, iria constituir-se numa mais-valia, para o desenvolvimento dos alunos. Um aspeto que pode constituir um obstáculo à participação dos alunos no desporto escolar seria o facto das atividades que o integram decorrerem após o término das aulas e, a maior parte dos alunos terem autorização para sair da escola.

Um dos problemas que se verifica é a pouca adesão dos alunos na maior parte dos núcleos de DE. Um aspeto que pode contribuir um obstáculo à participação dos alunos no desporto escolar é o facto das atividades que o integram, decorrerem essencialmente após término das aulas da manhã e a maior parte dos alunos terem autorização para sair da escola. Acredito que, uma maior divulgação inicial das diferentes atividades do desporto escolar, não só aos alunos, mas também aos respetivos encarregados de educação, envolvendo toda a comunidade escolar, poderia contribuir para uma maior adesão. Uma estratégia seria os diretores de turma nas reuniões de pais realizadas no início de cada ano letivo, enunciarem os inúmeros benefícios que a prática de atividade física comporta nos alunos, explicando que esses benefícios também se refletem em casa, como a autoestima, entreajuda e a realização pessoal e ainda no desempenho escolar.

Verifica-se que, grande parte dos alunos inscritos pertence maioritariamente ao segundo ciclo do ensino básico. Independentemente da implementação de um treino extraordinário, é fundamental que a divulgação dos treinos do desporto escolar seja feita desde o início do ano letivo, logo nas reuniões de pais e nos conselhos de turma, pelo diretor de cada turma, como anteriormente referido, por forma a aumentar a participação dos alunos do terceiro ciclo.

A realização de um evento desportivo no início do ano com uma demonstração das várias atividades desportivas a oferecer no desporto escolar, envolvendo assim toda a comunidade escolar e família, poderia ser uma proposta para aumentar a motivação e adesão dos alunos dos diferentes níveis de ensino.

Ao longo do estágio pedagógico, tive a oportunidade de integrar dois núcleos de desporto escolar – voleibol e natação adaptada – o de voleibol, como já referi, ficou assegurado pelo núcleo de estágio apenas até à chegada do professor responsável pelo mesmo e no que diz respeito ao segundo fiquei responsável por coadjuvá-lo em

todas as atividades e tarefas que lhe eram inerentes. Este núcleo realizava um treino semanal de 3h30min, composto por dois blocos de 1h45min, sendo um dedicado às raparigas e outro ao grupo dos rapazes, o que possibilitou maior atenção a cada aluno e conseqüentemente um trabalho mais personalizado e adequado à especificidade de cada aluno.

Por outro lado, tive a possibilidade de estabelecer um contacto direto com um grupo de alunos que apresentava Necessidades Educativas Especiais. Embora seja fundamental conhecer e compreender as necessidades e capacidades de todos os alunos, nestes alunos, o conhecimento da sua história clínica, das necessidades especiais, das suas capacidades, foi essencial para perceber de que modo podia melhorar e realçar as suas potencialidades, através da atividade física em ambiente escolar. A equipa era constituída pela professora estagiária, o professor responsável e membros do núcleo de Educação Especial responsáveis pelos respetivos alunos, que através da partilha de informação e experiência permitiram-me realizar o planeamento e implementação de um plano de atividades personalizado a cada aluno em especial.

Esta colaboração ativa e responsabilidade que nos foi confiada pelos orientadores no âmbito do planeamento, organização e operacionalização do desporto escolar, proporcionou-me a aquisição de um conjunto de competências e conhecimentos, que permitirão organizar e orientar, futuramente, um núcleo de desporto escolar com sucesso. As diferenças existentes entre os dois núcleos contribuíram de modo desigual, mas igualmente importantes para o meu desenvolvimento enquanto futura professora de Educação Física. Eu tive oportunidade de aprofundar o conhecimento numa matéria mais específica (a natação adaptada), de desenvolver estratégias que motivassem os alunos à realização das tarefas propostas e de diversificar a utilização de estilos de ensino. Como tal, tive oportunidade de adequar as sessões de treino às características e necessidades dos alunos, e também de enriquecer as aulas de Educação Física com a transferência dos conhecimentos que procurei aprofundar e aqueles que foram adquiridos ao longo dos treinos, assim como o inverso se verificou, principalmente no início do ano letivo, com a aplicação de estratégias e formas de organização utilizadas nas aulas de Educação Física que foram bem sucedidas nas sessões de treino do desporto escolar.

Paralelamente, o facto de ter existido uma semana destinada a experienciar um horário completo de um professor, projeto de supervisão pedagógica, obrigando-me a lecionar a outras turmas, de diferentes níveis de ensino, permitiu-me observar e conseqüentemente transportar para as sessões de treino do desporto escolar diferentes metodologias e progressões pedagógicas que os professores tendem a

utilizar nas suas aulas de Educação Física. O facto de a EBDDJ ser uma escola do ensino básico, implicou a realização de aulas na ESMA, o que concorre ainda para uma mais vasta partilha e experiência de diferentes contextos. Todas estas oportunidades desempenharam um papel fundamental na evolução dos alunos e na minha como professora.

Parece merecido reconhecer, e de um modo positivo, que o grupo de Educação Física da escola em questão tem vindo a desenvolver a sua ação em torno das indicações preconizadas a nível nacional. Contudo, acredito que a vontade de melhorar as suas práticas deve ser incentivada e que exista uma procura de melhoria constante. Jacinto et al. (2001) defendem que a realização de processos de formação contínua é um fator que contribui para o desenvolvimento da Educação Física. No presente ano letivo, foi possível verificar que alguns dos professores que compõem o grupo de Educação Física realizaram ações de formação com o objetivo de melhorar o seu desempenho pedagógico e conseqüentemente, contribuir para uma evolução positiva e constante dos seus alunos. Verifico assim, que os professores do grupo de Educação Física da Escola Básica D. Domingos Jardo têm a preocupação de, mesmo que de uma forma pontual, querer melhorar as suas práticas. De acordo com Jacinto et al. (2001) o grupo de Educação Física tem a responsabilidade de incluir no plano de formação da escola, “encontros de apresentação e análise de experiências pedagógicas significativas” (p. 21), que vão ao encontro das necessidades e prioridades identificadas, valorizando a formação recíproca. Posto isto, a formação é uma necessidade essencial e contínua, mas que não precisa de ser exclusiva a um nível externo, podendo ser complementada com formações dentro da escola, dentro do próprio grupo de Educação Física ou alargando ao nível de toda a comunidade escolar, como por exemplo utilizando os alunos como fonte de informação no sentido de otimizar o processo de ensino-aprendizagem. Penso que, ao longo do ano letivo, podiam ter sido criados mais momentos de formação recíproca no intuito de ultrapassar as dificuldades sentidas por cada professor. Assim, as potencialidades de determinados professores podiam servir de meio para colmatar necessidades e maximizar a intervenção dos colegas, respetivamente nas áreas em que apresentam uma maior dificuldade. Um exemplo disso foi a discussão do NE sobre formas eficientes de recolher dados da AI, em que o orientador de escola partilhou vários métodos incluindo o que o próprio utiliza e tem vindo a melhorar, momento este que foi decisivo para um início de ano com mais confiança e para uma coerente e “precisa” construção do PAT.

Hord e Sommers (2008) realçaram alguns benefícios decorrentes do trabalho coletivo para o grupo docente, tais como “redução do isolamento, aumento do compromisso e da valorização da articulação vertical, aumento da eficácia do ensino por efeito da aprendizagem que induz uma melhoria das práticas letivas” (cit. in Costa, Onofre, Martins, Marques, & Martins, 2013, p. 64). Ainda que ao longo do ano letivo aparentemente tenham sido mais os momentos de trabalho individual do que em grupo, presenciámos alguns momentos em que foi notória a necessidade do trabalho em grupo. Estes últimos verificaram-se também em reuniões de departamento, em algumas situações que era necessária uma tomada de decisão segundo as diretrizes aplicadas pela ESMA nos anos anteriores ou as aplicadas pela EBDDJ. A divergência entre os professores, apesar de originar alguma discussão, terminava quase sempre em consenso. Posto isto, nota-se uma discrepância nítida de métodos, estratégias e princípios entre as duas escolas recentemente integradas no mesmo departamento e esta situação resolver-se-á quando se integrarem não só no projeto educativo do agrupamento mas também quando se sentirem incluídas como parte da equipa, sendo portanto crucial criar as condições para isto aconteça. Este trabalho, quando conseguido, poderá repercutir-se diretamente no processo de desenvolvimento dos alunos, que segundo Hord e Sommers, (2008) se traduz em melhores resultados escolares, menos discrepâncias no sucesso resultantes de fatores socioeconómicos, culturais ou linguísticos, e o desenvolvimento de uma relação mais significativa entre e com o grupo de professores (cit. Costa et al., 2013, p. 64). Como tal, e tendo como base o aumento da qualidade do ensino dos professores das escolas em questão e a influência deste fator no processo de aprendizagem dos alunos, o trabalho em grupo deveria ser uma área de maior investimento e utilizada com mais frequência. Segundo Jacinto et al. (2001), o trabalho coletivo que o grupo de Educação Física produz, traduzido nos compromissos que estabelece dentro do próprio grupo, assim como na escola e na comunidade, são a base do sucesso da aplicação dos PNEF.

Núcleo de Estágio

O núcleo de estágio existente na Escola Básica D. Domingos Jardo, foi composto por mim e pelos meus dois colegas, sendo que um deles realizou a licenciatura noutra Universidade. Eu e outro colega ficámos responsáveis por uma turma do 7º ano, e o outro ficou responsável por uma turma do 9º ano. Cada um de nós acompanhou um núcleo de desporto escolar distinto Natação Adaptada, Badmington e Patinagem, como já referido anteriormente.

É de referir que a formação inicial é a fase durante a qual o futuro professor de Educação Física adquire os conhecimentos científicos e pedagógicos e as competências necessárias para enfrentar adequadamente a carreira docente (Costa, 1996). Apesar disso, apenas no presente ano – estágio pedagógico – foi possível transportar para um contexto real estes mesmos conhecimentos, verificando assim que todos os que estavam relacionados com as dinâmicas escolares (atividade letiva e estratégias pedagógicas, entre outros), quando transmitidos ao longo dos primeiros anos de formação, são um contributo indispensável ao bom desempenho profissional de um futuro professor. A título de exemplo destaco duas unidades curriculares, lecionadas no primeiro ano de mestrado, que contribuíram efetivamente para a aquisição de conhecimentos relacionados com as dinâmicas escolares: Gestão e Cultura Organizacional Escolar e Animação Socioeducativa. A primeira tinha como objetivo estudar e analisar o estabelecimento escolar, procurando uma constante articulação com níveis de análise macro sistémicos – instituição escolar – assim como micro sistémicos – relação pedagógica. O estudo e análise do projeto educativo de escola foi uma das temáticas abordadas nesta unidade curricular, contribuindo para uma compreensão mais profunda e ampla da sua essência, enquanto documento de planificação estratégica, assim como processo de mudança das escolas. Relativamente à unidade curricular de Animação Socioeducativa, destaco o estudo em torno da conceção e desenvolvimento de projetos de intervenção, onde a articulação entre a escola e a comunidade envolvente se encontram presentes. Estas bases permitiram-me participar de forma ativa no presente ano letivo. A possibilidade e oportunidade de evoluir enquanto futura professora de Educação Física advém, em grande parte, das relações estabelecidas entre um amplo grupo de pessoas, alunos, pais e toda a comunidade escolar, sendo que uns foram mais influentes, nomeadamente entre os colegas de estágio, o professor orientador de escola, os quais constituíam o núcleo de estágio. De facto, foi sempre com base nas indicações do orientador ou de um colega de estágio, pelas palavras, ações e partilhas, que consegui desempenhar, com sucesso e efetividade, o papel de professor. Um aspeto

menos bom do núcleo de estágio foi a incompatibilidade de horários entre os seus elementos, o que nem sempre foi possível gerir. Apesar disso, esta dificuldade foi sendo ultrapassada com a marcação de reuniões de grupo nos intervalos das atividades letivas.

Um aspeto crucial para a minha formação, foi a presença, em todas as aulas, do professor orientador de escola, o que lhe permitiu uma apreciação atempada do meu desempenho, referindo os aspetos positivos e os aspetos a melhorar. Outro ponto forte foi o facto de no final de cada semana, o núcleo de estágio reunir-se e realizar o balanço das aulas de cada um dos professores estagiários.

A presença constante do professor orientador nas aulas, analisando todos os documentos produzidos, debatendo e proporcionando uma reflexão sobre os mesmos, foi muito importante, sobretudo, porque nos conduziu de forma construtiva, a uma análise crítica e fundamentada das nossas práticas e autorreflexão que contribuiu não só para uma melhoria constante e gradual no meu desempenho enquanto professora como, indiscutivelmente, constituiu um excelente modelo para a representação futura do papel de um professor competente. O professor orientador da faculdade representou, da mesma, forma um papel fundamental neste nosso percurso, uma vez que se disponibilizou para nos orientar nas atividades propostas pelo Guia de Estágio e observou várias aulas ao longo do ano letivo, dando o seu *feedback* e referindo também os aspetos positivos e os aspetos a melhorar nas nossas sessões. Aspetos estes, que permitiram o desenvolvimento de competências na gestão do conteúdo a lecionar e a mobilização de diferentes estratégias que sejam adaptadas às necessidades de aprendizagem reveladas pelos alunos.

De um modo também importante revejo o papel desempenhado pelos colegas de estágio. O facto de o grupo ser constituído por três professores estagiários, cada um com a sua maneira de ser e atuar, e termos à nossa responsabilidade turmas com características particulares, proporcionou-me experiências, vivências e análises de situações distintas, o que enriqueceu o meu processo de aprendizagem. Esta diversidade promoveu também a partilha de ideias, o que contribuiu para um aumento de conhecimentos e desenvolvimento das competências de que um professor se deve munir e com as quais consegue otimizar o processo de ensino e de aprendizagem com a sua turma ou grupo de alunos (no caso do DE).

Embora o núcleo de estágio tenha desempenhado um papel único e fundamental na minha formação, acredito que a sua inserção no grupo de Educação Física de uma escola, também se traduz numa mais-valia para a mesma. Aproveitando como

exemplo o projeto desenvolvido no âmbito da investigação pedagógica na área 2, que será posteriormente mais aprofundado, este revelou-se fundamental uma vez que surgiu de um problema identificado pelo núcleo de estágio e que incentivou a realização de um estudo, cujos resultados foram posteriormente dinamizados e apresentados ao grupo de Educação Física. Esta apresentação revelou-se útil, não só pelos seus resultados, como também pelo momento de reflexão que resultou da discussão e pela partilha de conteúdos e de estratégias, potenciadoras de um processo de ensino e de aprendizagem mais eficaz. Por estes motivos, considero que o núcleo de estágio pode revelar-se muito vantajoso para o grupo de professores de educação física, pela sua influência de carácter criativo, inovador, facilitador da aprendizagem e promotor de desenvolvimento. Posto isto, penso que o núcleo de estágio podia ser solicitado com mais frequência, com o objetivo de aprofundar determinados áreas/problema/necessidades e encontrar respostas adequadas, e posteriormente partilhar os resultados e discutir com o grupo de Educação Física, em pequenas sessões, ao longo do ano letivo.

Recursos físicos e materiais para as aulas de Educação Física

Antes de mais, importa reforçar que a escola dispõe das condições necessárias para a lecionação da disciplina, possibilitando sempre a componente prática ao longo do ano letivo. O espaço de aula assume uma função de relevo na organização e operacionalização adequada de qualquer atividade em Educação Física, podendo aumentar ou reduzir as possibilidades de práticas de matérias diferentes nessa mesma aula. No caso da EBDDJ, esta contempla uma área exterior de jogos (com pista de atletismo) que se divide em dois espaços (E1 e E2), com possibilidade de ser utilizada por dois professores e duas turmas simultaneamente. Deste modo, a zona exterior assume a seguinte forma: (a) Campo E1, constituído por um campo de Voleibol e um campo de jogos (Andebol, Basquetebol, Futebol); (b) Campo E2 que, por sua vez, inclui também um campo de jogos (Andebol, Basquetebol, Futebol) e um campo de Ténis. Em redor dos dois espaços, E1 e E2, encontra-se a pista de atletismo, de salto em comprimento e de lançamento do peso.

Em relação aos espaços interiores, é possível utilizar um pavilhão polidesportivo no qual existe um espaço polivalente destinado às aulas de EF, que se divide em dois espaços de diferentes dimensões, G1 e G2, para a realização de duas aulas em simultâneo. O espaço interior inclui, ainda, o gabinete dos professores de EF, uma sala do pessoal auxiliar, dois balneários, uma arrecadação e uma galeria.

Quando se verificaram condições climatéricas adversas à prática de atividade física, foi decidido pelo grupo de Educação Física que o espaço G2 seria dividido em dois ou três, permitindo que as turmas vindas do exterior partilhem o espaço com a outra turma. No caso das três turmas não conseguirem dividir o espaço G2, encontra-se estipulado que a turma vinda do espaço E2 será encaminhada para uma sala de aula para prosseguir os trabalhos em forma de aula teórica. Apesar da condição satisfatória em que se encontram todos os espaços disponibilizados para a lecionação de aulas, verificam-se algumas lacunas sobre o G1. Estas lacunas devem-se, sobretudo:

- À reduzida dimensão que este apresenta, prejudicando de forma significativa o planeamento e organização da aula para turmas mais numerosas;
- O espaço está equipado e preparado para atividades gímnicas, limitando a conciliação entre o planeamento das aulas e o *roulement*.

Por outro lado, os restantes espaços revelam bastante versatilidade independentemente das modalidades a lecionar. A rotação dos espaços é feita semanalmente, para que todos os alunos consigam usufruir de todos eles, em

períodos de curta duração, e, dessa forma, experimentarem todas as matérias previstas no PAT. Tal como anteriormente referido, a escola possui espaços polivalentes para a prática de diferentes matérias, embora alguns dos espaços estejam preparados com características mais específicas.

Quanto aos materiais disponíveis para a lecionação das aulas, verifica-se que a escola é dotada do equipamento necessário para as várias matérias, apresentando-se, no âmbito geral, bem equipada. Existe a possibilidade dos alunos requisitarem bolas de diversas modalidades junto dos funcionários para utilizarem durante os intervalos das aulas. Está estipulado que, no decorrer das aulas deverão ser os alunos a levantar e arrumar o material a utilizar, embora sempre com supervisão do professor responsável que assume um papel crucial para um controlo eficiente do inventário.

Apesar da generalidade dos materiais se encontrarem devidamente organizados nos locais adequados, e de existir um inventário do material disponível, parte deste não apresenta condições para ser utilizado. Deste modo, seria importante fazer um levantamento efetivo de todo o material em condições adequadas para ser utilizado, e dar baixa do que não está em bom estado de funcionamento.

Em todos os espaços de aula e durante o decurso das mesmas, verifica-se a preocupação em assegurar que todo o material e afins estejam devidamente arrumados e organizados na arrecadação, espaço que assume uma preponderância significativa neste processo. A arrecadação encontra-se, aparentemente, bem organizada e equipada, embora se note a falta de identificação em muitos dos materiais disponíveis.

Considerando que existem quatro espaços fundamentais para a lecionação das aulas, isto significa que podem encontrar-se quatro turmas em aula de Educação Física em simultâneo. Para estes quatro espaços há dois balneários, sendo um para o sexo feminino e outro para o sexo masculino.

Apesar de polivalentes, nem todos os espaços permitem a abordagem de todas as matérias, preconizadas no currículo da disciplina. Como tal, cada bloco de 60 minutos está associado a um desses quatro espaços, o que permite que cada professor, num mês, tenha a possibilidade de passar uma semana em cada um dos espaços, e, conseqüentemente, consiga abordar as matérias que considerar necessárias. Penso que a solução encontrada pelo grupo foi a melhor, uma vez que todos os professores têm a mesma oportunidade de passagem pelos diferentes espaços, podendo adequar o processo de ensino e de aprendizagem às necessidades dos seus alunos e cumprir o currículo da disciplina.

Turma – 7º B

Antes de iniciar o ano letivo recebemos a informação das cinco turmas atribuídas ao professor orientador. Nesse momento foi feita uma seleção das turmas para cada elemento do NE, e, como os meus colegas davam treinos de futebol e hóquei em patins no período da tarde, eu fiquei com a turma com o horário da tarde e eles decidiram entre eles sobre as restantes.

Durante o primeiro Conselho de Turma, os professores que o integram e que conheciam os alunos da turma de anos anteriores, forneceram grande parte da informação acerca da turma, dos alunos, do seu aproveitamento, comportamento, partilhando experiências prévias e estratégias que tinham utilizado com resultados positivos. A turma sobre a qual fiquei responsável durante todo o ano letivo foi o 7º B. Esta era inicialmente constituída por 20 alunos, contudo na 3ª aula entrou mais uma aluna, ficando assim com 21 alunos. Dois dos alunos estavam a repetir o 7º ano, um aluno que no ano anterior deixou de aparecer na escola (reprovando por faltas) e uma aluna que tinha reprovado por falta de aproveitamento. A turma foi constituída maioritariamente por alunos do sexo masculino, 14 rapazes e 7 raparigas, com idades compreendidas entre 11 a 14 anos, sendo a maioria de 12 anos. Existiam 9 casos de ASE (Ação Social Escolar) na turma, sendo que um aluno, apresentava dificuldades no cumprimento das regras do material necessário à frequência da aula de Educação Física.

A turma tinha 4 alunos com Necessidades Educativas Especiais de carácter permanente.

- Dislexia;
- Perturbações do Espectro do Autismo;
- Hidrocefalia;
- Paralisia Cerebral.

Estes alunos estiveram incluídos na turma de educação física e realizam as tarefas propostas à turma em conjunto com os restantes colegas. Apenas o aluno com Perturbação do Espectro do Autismo necessitou de algumas adaptações curriculares em todas as disciplinas onde se inclui a de educação física. Foram realizados alguns ajustes nos critérios de avaliação do aluno com Paralisia Cerebral para que se adequem às suas capacidades e potencialidades para executar determinadas atividades.

Os alunos que constituíam o 7º B vieram de diferentes turmas o que implicou a separação de grupos já estruturados no 2º ciclo no início do ano letivo. Este aspeto transporta consequências sociais que influenciam os comportamentos dentro da turma. Desde cedo foi possível aperceber-me dos grupos formados por afinidade entre determinados alunos. No início do ano foi possível assistir a momentos de maior tensão entre alguns elementos destes grupos, e também observei nas aulas, principalmente naquelas em que havia mais alterações dos grupos, que alguns alunos demonstravam desagrado em terem que realizar um exercício com determinado colega. Os alunos mantiveram sempre o respeito pelas minhas decisões e nunca se recusaram, efetivamente, a cumprir qualquer instrução minha. Através da utilização de estratégias de integração e tutoria foi possível atenuar essa dificuldade, e, a maioria dos alunos mostraram-se progressivamente mais cooperantes entre si, interessados, disponíveis e colaborantes não só no cumprimento e respeito pelas regras impostas, como também em ajudar os colegas de turma.

De acordo com Felder e Brent, (2005) todos os alunos têm diferentes níveis de motivação, diferentes atitudes face ao processo de ensino e de aprendizagem, assim como diferentes respostas a determinados ambientes e práticas pedagógicas. Quanto melhor o professor compreender e assimilar essas diferenças, mais hipóteses terá de atender às necessidades de aprendizagem de cada um dos seus alunos. Deste modo, é imprescindível que o professor, antes de iniciar a sua prática pedagógica, procure conhecer os seus alunos (pontos fracos e fortes, preferências, capacidades, potencialidades, relações sociais e perfil da personalidade), com vista a organizar e a orientar, de uma forma mais adequada/individualizada, o processo de ensino e de aprendizagem. Acredito ainda, que este conhecimento deve ser explorado continuamente, com vista à obtenção das soluções mais ajustadas às necessidades de todos os alunos e com isto otimizar o seu processo de aprendizagem.

A conjugação do conhecimento do número de alunos com o conhecimento dos espaços onde as aulas iriam decorrer, foi fundamental para planear as atividades, as possibilidades de organização da aula e conseqüentemente a disposição dos alunos pelo espaço. No decorrer do ano letivo, apercebi-me que uma turma com esta dimensão e tão heterogénea, exige um trabalho muito intensivo para que o controlo de todo o grupo ocorra o mais cedo possível, mostrando aos alunos que estão sob uma observação constante. Esta observação acabou por resultar na diminuição de comportamentos desviantes, contribuindo também para uma maior adesão dos alunos às tarefas propostas.

Ainda focando a importância do professor conhecer os respectivos alunos, houve a necessidade de analisar os seus processos, por forma a recolher informações que pudessem ser relevantes para o planeamento das aulas de Educação Física. Através dos processos dos alunos com NEE, foi possível perceber o porquê de serem identificados como tal, as suas problemáticas, as disciplinas em que tinham adequações curriculares assim como as estratégias utilizadas pelos professores anteriores. Foi necessário criar adequações curriculares para um deles, nesta mesma disciplina. Estas revelaram-se fundamentais para delinear e orientar o percurso do aluno, ao longo do ano letivo na disciplina, adequando e adaptando as tarefas às suas necessidades. As adequações curriculares foram ainda fundamentais para o planeamento de outras tarefas, quando o aluno não podia realizar as atividades inicialmente propostas. Utilizando como exemplo, ao construir os grupos, eu juntava este aluno aos alunos mais populares, que por sua vez eram os melhores na disciplina. Com isto, o aluno esforçava-se no sentido de alcançar o nível dos colegas, e os colegas trabalhavam na cooperação e entreajuda, o que foi essencial para a diminuição de conflitos e maior compromisso com a aula em si. Concluindo, o conhecimento do historial do aluno aliado a uma observação contínua mostrou-se um meio facilitador para perceber as capacidades dos alunos na disciplina, e para uma constituição inicial de grupos de nível e grupos de trabalho.

Tal como foi referido anteriormente, a constituição de grupos para as aulas iniciais de Educação Física, não foi apenas facilitada pela leitura e interpretação das classificações finais da disciplina que constavam nos processos dos alunos. Foram também importantes as informações produzidas, no ano letivo transato, pelo professor orientador, complementadas pelas que nos foram transmitidas no início do ano letivo pelo Conselho de Turma. Com estes dados, foi possível conhecer os resultados alcançados pelos alunos, nomeadamente os níveis de especificação a que estavam associadas as suas aprendizagens, e ainda, testar as várias estratégias sugeridas pelo orientador, no sentido de o aluno executar a tarefa com maior facilidade. Considero fundamental esta informação recolhida inicialmente, e por essa razão deveria existir um documento de caracterização de cada turma com detalhes sobre cada disciplina.

Deste modo, mesmo que os alunos mudem de professor, quer pela transição entre ciclos, quer por mudança de turma dentro do mesmo ciclo, o professor de Educação Física que ficasse responsável pelos mesmos teria acesso às suas aprendizagens anteriores. De forma a juntar o máximo de informação que concorresse para uma melhor orientação e organização do ano letivo, foram recolhidos dados provenientes

de outros documentos, nomeadamente da ficha de identificação aplicada na aula de Educação Física, da ficha de identificação aplicada pela diretora de turma, e do teste sociométrico aplicado. É importante referir que o acesso à informação que constava na ficha de identificação aplicada pela diretora de turma se deveu à possibilidade de acompanhar todo o trabalho efetuado pela mesma ao longo do ano letivo.

Com a aplicação da ficha de identificação na disciplina de Educação Física foi possível aprofundar o conhecimento das características dos alunos, possíveis condições médicas, medicações ministradas e os seus interesses na área do desporto. Algumas informações acerca do aluno poderiam ter sido recolhidas nesta ficha, talvez pela percepção tardia da sua importância tais como; a sua situação escolar, as ocupações de tempos livres e ainda os hábitos alimentares. Após a análise das respostas fornecidas pelos alunos quanto às disciplinas favoritas, as escolhas são variadas, no entanto, há sem dúvida uma disciplina que se destaca das outras pelo número de votos obtido - a Educação Física (14 alunos). Perante estas informações, era evidente que a motivação da maioria dos alunos para a disciplina fosse positiva, o que acabou por ser comprovado ao longo do ano letivo, através dos comportamentos, que evidenciaram de forma assídua uma participação ativa nas tarefas propostas. Contudo, inicialmente, eu não considerei de forma efetiva as respostas negativas ou de indiferença de alguns dos alunos face à disciplina de Educação Física. No entanto, essa lacuna foi rapidamente colmatada com ajuda do orientador. Considero que enquanto futura profissional de Educação Física importa interpretar estes sentimentos, assim como reservar um momento final da aula para falar com estes alunos, por exemplo, sobre os motivos que os levam a adotar essa atitude e de que forma é que os mesmos pensam que a situação se poderia resolver. Isto permite que, desde o início, possamos agir procurando em conjunto formas de otimizar o processo de ensino-aprendizagem.

Para além das informações recolhidas através das fichas de identificação, considerei importante perceber as relações que os alunos estabeleciam entre si, uma vez que a maioria provinha de turmas diferentes. Para tal, foi aplicado um teste sociométrico, que consiste num instrumento de análise das relações que existem dentro de um grupo (Silva, 1997). No entanto, este instrumento só foi aplicado no final do 1º período, altura em que os alunos já tinham tido tempo e oportunidades de interação e já se conheciam melhor. É de notar que a melhor e a maior utilidade da aplicação deste teste, ao longo das aulas de Educação Física, revelou-se ao nível do planeamento e organização das sessões letivas, resultado consonante com a opinião de Silva (1997), ao referir que a percepção acerca do tipo de relações existentes na turma poderá

contribuir para uma melhor organização do trabalho escolar e aumentar o rendimento dos alunos. Destaco dois exemplos: a formação de grupos de trabalho em ginástica acrobática, aliando as afinidades dos alunos com os níveis de desempenho, resultando numa maior adesão dos alunos às atividades propostas; outro exemplo, e, visto que este teste permite perceber quais os alunos que tendem a ser escolhidos com maior frequência, os alunos normalmente excluídos, podem ser agrupados com os alunos que tendem a ser escolhidos com uma maior frequência, facilitando assim a integração dos mesmos na turma. Reconheço que a recolha de informações sobre os alunos e suas características teve um papel fundamental na orientação e organização do processo de ensino-aprendizagem. Com isto, verificou-se necessário juntar este conjunto de informações num documento, designado o Estudo de Turma. Com o objetivo de transmitir as conclusões a que cheguei, facultei à diretora de turma, um Estudo de Turma resumido e mais focado nos resultados obtidos no teste sociométrico, com vista a fornecer um outro instrumento de trabalho aos professores, o qual, ao longo do ano letivo, foi sendo complementado com informações relativas ao aproveitamento, comportamento e atitudes dos alunos. Constatei que, através dos dados recolhidos nos testes e a implementação de estratégias adequadas, é possível modificar as relações sociais dentro da turma, como por exemplo a inclusão do aluno com Perturbação do Espectro do Autismo no grupo dos rapazes mais populares. Este tipo de testes promove uma intervenção mais apropriada, o que poderá resultar em alterações benéficas não só a nível social como também a nível do funcionamento das aulas. Com o auxílio do estudo de turma o grupo tornou-se mais coeso e o nível de rendimento aumentou, resultando na melhoria da performance de alguns alunos.

Creio que, com a inclusão de informações deste tipo, a organização do processo de ensino e de aprendizagem seria facilitada, assim como a identificação e antecipação de estratégias e soluções que potenciassem as aprendizagens dos alunos desde o início do ano letivo. Este documento podia ser disponibilizado e complementado anualmente, sendo também utilizado como recurso pelos professores que ficassem responsáveis pela turma nos anos seguintes.

Área 1 - Organização e Gestão do ensino e da aprendizagem

A área de Organização e Gestão do Ensino e da Aprendizagem é a principal e mais importante área do estágio. É nesta área que é adquirido o saber que está relacionado com domínio cognitivo e focado nos conhecimentos; o saber fazer, que se refere às habilidades motoras e ao conhecimento necessário para a realização da tarefa; e o saber agir mais próximo da noção de competência, ou seja, a capacidade de mobilizar conhecimentos, habilidades e atitudes para o exercício profissional (Brain, Gondim & Cols, 2003) que, certamente se repercutirá aquando da nossa atividade docente. Sendo esta a área que está diretamente relacionada com o processo de ensino-aprendizagem, pode se compreender o porquê de ser a que mais pesa na classificação do estagiário. Esta é, também, a área que mais depende da formação inicial. Uma vez que a minha formação foi, na sua totalidade, realizada na FMH, a continuidade curricular entre a licenciatura de Ciências do Desporto e Exercício e Saúde e o mestrado em questão influenciou significativamente a minha preparação para o estágio no que diz respeito ao saber.

Esta área está repartida em três categorias que se complementam: o Planeamento, a Avaliação e a Condução do Ensino. As ações desenvolvidas nesta área prendem-se com a turma do orientador de escola que me foi atribuída, o 7ºB.

Planeamento:

Tal como já referi anteriormente, a minha formação foi realizada na FMH, e o currículo da mesma prevê que as disciplinas relacionadas com o Ensino da EF façam parte, não só do primeiro ano do 2º ciclo, como também durante os três anos da licenciatura.

Nos últimos anos, tem sido crescente a preocupação em tornar o processo de ensino-aprendizagem mais focado nas necessidades do aluno. Sendo assim, entende-se que o planeamento seja construído através de Etapas e de Unidades de Ensino (UE), isto é, durante um determinado período de tempo, que poderá depender de fatores como a rotação dos espaços da escola ou dos objetivos definidos para esse período, o professor define uma ou mais matérias prioritárias sobre as quais o ensino incidirá mais. Estas matérias prioritárias terão, dentro de cada UE, objetivos específicos que serão o foco prioritário do professor.

Estas UE também preveem a abordagem de matérias alternativas, sobre as quais o professor não terá que aprofundar tanto, mas que, ao serem praticadas vão ser uma

mais-valia em termos de diversidade e constitui-se uma forma de diferenciar verdadeiramente o ensino na disciplina. Isto porque, ao existir durante a aula um trabalho de várias matérias em simultâneo, o aluno tem a possibilidade de praticar uma determinada matéria mais vezes durante o ano e melhorar a sua performance, um aspeto que o planeamento por blocos não permite e que é essencial quando se pretende um ensino eclético; ou até se um aluno, por algum motivo, não pode praticar uma matéria, pode na mesma aula dedicar-se a outra.

Numa primeira fase do estágio, a minha maior preocupação foi a de perceber como planear e, conseqüentemente, organizar e gerir as aulas. Nas primeiras aulas utilizei o tipo de estruturação utilizada pelo orientador de escola, e, posteriormente, com a conclusão do PAT e Planos de Etapa, com a orientação do professor e a consulta de bibliografia na área, segui o meu próprio caminho. Não foi difícil compreender os princípios deste tipo de planeamento, no entanto, a passagem do saber para o saber-fazer é mais difícil e complexa, requer tempo, muito treino, momentos de análise, reflexão e autoavaliação da prática, daí o valor incomensurável deste Estágio Pedagógico.

Relativamente aos critérios de avaliação adotados pela escola, o DEF tem feito um esforço para conseguir melhorar o processo de avaliação em prática e assumido por todos os professores do DEF da EBDDJ e ESMA. Entre outros aspetos relevantes, ter o PNEF como documento orientador que como referi anteriormente é fundamental. Numa das primeiras reuniões do GEF ficou decidido que iriam manter-se os documentos orientadores já utilizados no ano anterior que já se encontravam muito próximos das premissas do PNEF, tais como: O Protocolo de Avaliação, Protocolo de Avaliação Inicial (PAI), Critérios de Avaliação, Projeto Curricular de EF. Assim sendo, a transição não implicou grandes ajustes ao trabalho já efetuado.

Uma das primeiras e mais importantes tarefas que surgiram no início deste Estágio Pedagógico foi a organização, calendarização e estruturação da Avaliação Inicial (AI).

Foi através desta que consegui sustentar e apoiar o Planeamento Anual da Turma, onde foram definidos os objetivos para os alunos e as suas metas. Para que o aluno se sinta envolvido, empenhado e motivado na sua aprendizagem, é essencial que as metas estejam adequadas às suas características e necessidades, mas que também não deixem de ser desafiantes e exigentes (Costa, 1995).

Só através de uma boa organização das aulas da AI é que será possível definir que matérias observar, que competências prognosticar e que situações ou tarefas utilizar para melhor identificar os níveis dos alunos nas diferentes matérias. Na ausência

destes processos não será possível realizar uma observação diagnóstica e prognóstica eficaz e qualificada nem garantir uma definição de objetivos coerentes com as capacidades dos alunos. Podemos então concluir, que é indispensável para o sucesso do processo ensino/aprendizagem, que o professor de EF garanta um bom planeamento do período de AI, ajustando o respetivo PAI e a sua aplicação ao contexto da turma e aos recursos espaciais e temporais disponíveis na escola.

As maiores dificuldades sentidas foram, sem dúvida, determinar que matérias juntar na mesma aula e definir quantas aulas seriam necessárias para cada uma, com o intuito de realizar uma observação diagnóstica eficaz. Nessa altura não conhecia os espaços e os materiais da escola, ainda não dominava a logística e a eficácia da aplicação dos recursos e ainda me encontrava dentro de um processo de conhecimento dos meus alunos, o que constituiu o meu primeiro desafio a ultrapassar. Para o superar, procurei estudar e analisar o Protocolo de AI e do Projeto Curricular da disciplina de EF, sendo também crucial a prática/experiência (tudo ficou mais fácil com o decorrer do ano, pequenos aspetos como saber os nomes dos alunos e aproximadamente o tempo útil de prática para cada matéria) e o contributo das orientações e conselhos do professor José Corte.

O outro desafio está associado à minha dificuldade em gerir e lidar com os imprevistos e manter uma atitude calma e tranquila quando estes acontecem. Este desafio foi, sem dúvida, o mais presente e o que mais dificultou o planeamento em geral no início do ano letivo. Durante a distribuição de matérias e devido à minha inexperiência, não previ obstáculos associados às condições meteorológicas, aquando da elaboração de planeamentos (mais especificamente de Etapa e Unidades de Ensino). Apesar de contemplar sempre alternativas no plano de aula, quando tinha de as executar, em vez do inicialmente previsto, sentia-me insegura e preocupada, o que poderia comprometer a fluidez e sucesso da aula, mas que, felizmente, nunca aconteceu.

Este último aspeto mencionado está diretamente relacionado com a elaboração de planos de unidade de ensino e de etapa, e garante que as decisões formam uma unidade pedagógica coerente, refletindo o equilíbrio entre as orientações enunciadas no programa oficial e os dados fornecidos pela aplicação da AI e avaliação formativa (AF). A construção e manutenção da coerência entre os planos de etapa, pressupõe a utilização de uma observação prognóstica eficaz. Neste ponto, melhorei os meus planos de etapa que se confundiam um pouco com as UE. Apesar de saber que o plano de etapa inclui uma perspetiva mais geral, abrangente e orientadora de um período determinado de aulas, inicialmente realizei planos muito específicos, talvez pela insegurança, mas que foram melhorando, com o aumento da autoconfiança, ao

longo do ano letivo. As tarefas propostas foram adequadas aos objetivos estipulados e o meu conhecimento dos espaços, dos materiais e dos alunos tornou-se mais “familiar”, o que facilitou a organização e distribuição das matérias pelo “mapa” de aulas semanal e também a formação dos grupos de trabalho.

A construção do Plano Anual de Turma (PAT) revelou-se uma tarefa bastante exigente e trabalhosa, não obstante compreender perfeitamente a importância que tem o planejar, antever e projetar, assim como o quando e o como ensinar, para a realização de um trabalho organizado e competente. Na sua elaboração senti dificuldade em projetar que objetivos e metas estipular para as diferentes etapas de ensino. Na altura, pareceu-me um pouco precoce realizar uma reflexão desse género numa fase tão inicial do ano letivo, pois ainda desconhecia o ritmo de aprendizagem dos meus alunos e as suas capacidades de interiorização de competências em cada matéria.

A manutenção de coerência entre os planos de etapa, pressupõe a utilização de uma observação prognóstica eficaz e também a realização de balanços, não só das aprendizagens dos alunos, como também do meu desempenho como agente ativo no processo ensino-aprendizagem. Este trabalho permitiu-me sustentar e enriquecer as UE e os Planos de Etapa, que têm servido como mediadores do processo ensino-aprendizagem. Com o desenrolar das aulas e das aprendizagens dos alunos, existiu a necessidade de reajustar algumas matérias e algumas metas estipuladas no Plano Anual de Turma (PAT).

No que diz respeito à elaboração dos planos de unidade de ensino (UE), considero que adquiri uma boa base de conhecimentos na minha formação inicial e por isso sentia-me segura na aplicação das didáticas de ensino das diferentes matérias da disciplina de EF. Identifiquei objetivos pedagógicos pertinentes e explícitos, assim como as estratégias de ensino a eles conducentes, assegurando sempre a correção didática da seleção e a estruturação dos conteúdos e das atividades, o que me leva a crer que os planos de UE foram adequados às necessidades dos meus alunos.

Os aspetos sociais e particulares da turma também estão presentes no PAT, onde existe um estudo de turma, já atrás referido. Esse estudo procurou identificar áreas como as preferências e interesses pessoais, a relação dos alunos com a escola e com os colegas. Todos estes dados são fundamentais para conhecer melhor os alunos, perceber melhor as suas necessidades, origens e relações com os colegas. Estas informações foram importantes na adoção das estratégias de ensino e na

formação dos grupos de trabalho, tal como a prevenção de comportamentos desviantes e interações indesejadas também já salientado previamente.

O facto de o PAT não ser um documento estanque, havendo a possibilidade de reajustes ao longo do ano, foi essencial para garantir uma aprendizagem progressiva e qualificada dos alunos e veio conferir coerência entre as UE e os PE, com vista a garantir que as decisões dos diferentes níveis de planeamento (turma, etapa, unidade de ensino) formem entre si uma unidade coesa, e, assegurando a diferenciação pedagógica e a progressão das aprendizagens necessárias ao sucesso dos alunos, de acordo com os dados da avaliação inicial, formativa e sumativa. A diferenciação pedagógica apresentou-se como um processo complexo nesta turma, devido à dificuldade em responder às necessidades específicas de cada um, e, ao mesmo tempo, gerir o ambiente extremamente dinâmico que é proporcionado por uma aula de EF. O facto de ser um processo complexo, reforça a necessidade de planeamento e preparação e realça a importância dos ajustes e alterações que devem ser feitos com vista a responder às necessidades específicas do aluno com a abordagem diferentes estratégias. Dou como exemplo, a constante necessidade de realizar adequações no plano curricular do aluno com Perturbação do Espectro do Autismo, que no 3º período conseguiu realizar uma avaliação semelhante à dos colegas, concretizando assim uma evolução significativa ao nível do seu desempenho, o que observei com grande satisfação. A abordagem de diferentes estratégias nas aulas e o conhecimento cada vez mais profundo dos alunos, fez com que este processo se tornasse cada vez mais fácil de dia para dia. Através da formação de grupos em tarefas específicas foi possível definir metas e objetivos adequados às características dos alunos, sem nunca deixarem de ser desafiantes. Esta é uma das competências que mais desejo atingir na totalidade e é sem dúvida uma das mais exigentes. Sinto que consegui adequar, cada vez melhor, as tarefas às necessidades de cada aluno, sobretudo na formação dos grupos de trabalho. Utilizei as aulas observadas do Núcleo de Estágio e as reuniões formativas para analisar e refletir acerca das melhores estratégias e progressões pedagógicas a aplicar para atingir determinados objetivos nas diferentes matérias.

Quanto à coerência nos diferentes níveis de planeamento (turma, etapa, unidade de ensino e aula), inicialmente uma lacuna, foi progressivamente trabalhada com intuito de ser preenchida, através da realização de planos e de reuniões frequentes e, com o tempo, foi-se observando uma melhoria significativa. Estes momentos de introspeção e análise das aprendizagens dos alunos e do meu desempenho contribuíram, de forma decisiva, para que os reajustes no planeamento fossem ao encontro das necessidades educativas dos meus alunos.

No que diz respeito à demonstração da capacidade de planear em grupo, houve uma estreita cooperação com os colegas de estágio, do Grupo de Educação Física e com o Conselho de Turma, garantindo a adequada antecipação em relação à intervenção e contribuindo para a promoção dum clima de cordialidade, respeito e interajuda. No decorrer do estágio procurei sempre manifestar um sentido crítico quando pertinente, iniciativa e responsabilidade profissional no desempenho do meu trabalho. Estabeleci uma boa relação com os elementos do Departamento de Educação Física e do Conselho de Turma, o que se revelou na evolução progressiva da minha participação nas respetivas reuniões de trabalho realizadas ao longo de todas as etapas. Quase sempre a interação com o grupo de EF proporciona momentos de intensa aprendizagem através da partilha de experiências, orientações, opiniões e estratégias, o que tem facilitado e enriquecido a minha intervenção pedagógica junto dos alunos. A relação com os professores do Conselho de Turma também evoluiu bastante ao longo do tempo, e o bom clima criado com a Diretora de Turma potenciou um processo de interajuda e cooperação bastante positivos através das diversas reuniões realizadas.

Existiu também um ambiente bastante favorecedor do processo de aprendizagem através de uma postura crítico-construtiva de todos os elementos do núcleo de estágio que possibilitou um aperfeiçoamento do nosso desempenho nas aulas, como já referido. O cumprimento das reuniões, também foi um aspeto que contribuiu de forma essencial para a minha evolução como docente. Um dos aspetos bastante positivo que se vinha a manifestar no início do ano letivo e que se foi perdendo com o tempo, foi o espírito de cooperação e trabalho em grupo que existia no momento do planeamento. De início o núcleo de estágio trabalhava bastante em conjunto mas, com o desenvolvimento das aulas, tarefas e responsabilidades de cada um, os elementos foram se centrando cada vez mais no seu trabalho e, progressivamente foram-se distanciando, o que prejudicou a qualidade do desempenho. Coube-nos a nós, como grupo de trabalho, recuperar a iniciativa de maior partilha e de cooperação, não só nos momentos de planeamento, mas também durante as pausas letivas reforçando os períodos que estávamos juntos.

Avaliação:

Não há dúvida de que a avaliação é um dos aspetos mais importantes do ensino, independentemente da disciplina, Onofre (1996) afirma que a avaliação pedagógica deve ser entendida como um processo geral de recolha de informação e desenvolvimento de juízos de valor sobre a diversidade dos fatores que condicionam a

educação das crianças e jovens. Quando avaliamos devemos ter mais objetivos do que apenas o de classificar os alunos. A avaliação deve ser um importante instrumento para prognosticar as possibilidades de aprendizagem dos alunos ou decidir sobre as condições que os ajudem a superar as dificuldades (Araújo, 2007).

A avaliação formativa assumiu um papel fundamental na progressão dos conteúdos a lecionar e na aprendizagem dos alunos. Relativamente à avaliação formativa, penso que o trabalho desenvolvido com os meus alunos foi muito positivo. Esta avaliação permitiu ainda informar os alunos acerca da sua progressão nas aprendizagens, os pontos fracos e os fortes e ainda o que podem fazer para melhorar o seu desempenho, criando uma interação pedagógica positiva nas aulas.

Como já foi referido, no decorrer do ano e com o desenvolvimento das aprendizagens surgiram algumas adaptações ao planeamento para que a evolução dos alunos continuasse coerente e não fosse prejudicada. A melhor aplicação da AF refletiu-se no empenho e interesse dos alunos pela disciplina, mas é necessário continuar a investir no seu rendimento de modo a que seja cada vez mais eficaz. Não senti grandes dificuldades na concretização da avaliação sumativa. As dificuldades associadas a este tipo de avaliação só foram sentidas no que diz respeito a um aluno que apenas compareceu a 2 aulas de EF do 2º Período, e a outro que sofreu uma lesão no braço o que comprometeu a sua participação nas aulas durante um mês. Em ambas as situações o problema prende-se com a falta de elementos a considerar na avaliação sumativa.

Considerando os aspetos mencionados anteriormente, posso afirmar que o meu planeamento e a minha avaliação estão mais coerentes e adequados às características dos alunos, ou seja, apresenta maior qualidade. Fui definindo estratégias, critérios e indicadores de observação que fossem favorecedores de uma avaliação mais justa e real, sendo exemplo disso a minha mobilidade e posicionamento no espaço, de forma a visualizar melhor o desempenho de todos os alunos. Considero ainda, que esta estratégia deva ser alvo de planeamento e previsão, pois com isto consegui, de forma mais eficaz, determinar o nível da prática dos alunos e facilitou também a prevenção de comportamentos fora da tarefa. Através desta postura de observação na aula, foi mais fácil a criação dos grupos de nível de trabalho e a posterior adequação das atividades.

Utilizei os procedimentos de avaliação sumativa, justificando o seu resultado em função das áreas de extensão e normas de referência para a definição do sucesso em Educação Física. Acredito que esta competência foi cumprida com êxito, visto que, as

grelhas de Avaliação (das atividades físicas, aptidão física, conhecimentos e atitudes) foram também um instrumento muito útil, garantindo uma norma de referência de sucesso adequada ao contexto escolar, bem como a definição dos objetivos para níveis de sucesso ou insucesso.

O sentido crítico esteve sempre presente nas reuniões do NE, com o intuito de ajudar a melhorar o processo ensino/aprendizagem. No desenvolvimento das atividades demonstrei espírito de equipa e cooperação com os diferentes intervenientes, num clima de cordialidade e respeito, manifestando responsabilidade, iniciativa, criatividade e adaptabilidade.

Condução:

Este conjunto de competências são, normalmente, aquelas que mais preocupam os estagiários quando, pela primeira vez, enfrentam a realidade de lecionar uma turma. Essa sensação, porém, foi diminuindo gradualmente através da progressiva adaptação à comunidade escolar e à sua dinâmica de trabalho, o que resultou numa maior valorização de outras vertentes do estágio (Avaliação, Planeamento, Relação com a Comunidade...).

É importante realçar que é neste conjunto de competências que eu acredito apresentar o maior número de potencialidades, quando comparadas com as existentes nas outras áreas de intervenção do estágio pedagógico. Apesar de sentir alguma ansiedade, no início do ano, em relação à condução do ensino, sempre soube que esta era a competência onde me sentia mais confiante. Tive o privilégio de beneficiar de uma formação inicial bastante qualificada, completa e competente.

Também possuo alguma experiência, adquirida nos anos anteriores ao do estágio pedagógico, no contacto e na condução do ensino com jovens. Já tive a oportunidade de lecionar diversas atividades desportivas adaptadas a cadeira de rodas (aeróbica, ténis, basquetebol, voleibol, golfe, tiro com arco, natação) a turmas de 30 jovens com Spina Bífida/lesão medular, idades compreendidas entre os 8 e os 18 anos, durante 6 anos (no Campo de Treino Arco-íris Dar Cor ao Sucesso...Capacitando) e treinos de hip-hop (substituição da professora) no Sporting Clube de Portugal. Apesar de curta, esta experiência já contribuiu para o desenvolvimento de algumas competências e conteúdos que me permitiram começar o ano de estágio com alguma experiência de docência. Segundo Carvalho (1996), existem vários fatores que condicionam e influenciam o conhecimento dos professores, sejam eles inexperientes ou “experts”. Esses fatores estão presentes em todos os aspetos da vida do professor e resultam do

processo de socialização que o indivíduo sofre. Este processo é contínuo e inicia-se ainda antes da formação inicial do indivíduo, através das suas vivências, princípios, prioridades e características individuais. Com esta análise pretendo apenas reforçar que o conhecimento que fui adquirindo ao longo da minha vida representa e continuará a representar um papel ativo na minha formação como professor de EF. Existe uma base de sustentação que alberga experiências vividas, opiniões pessoais e conhecimentos adquiridos que tem vindo a sofrer uma transformação ao longo deste processo formativo. Esta mudança foi bastante importante na medida em que me tem tornado mais competente como um agente do ensino. O aperfeiçoamento da minha atividade como professora teve efeito nas minhas crenças e expectativas na área do ensino da EF, o que, segundo Carvalho (1996), é uma prova de que este processo formativo (Estágio Pedagógico) garante a elevação da qualidade pedagógica dos estagiários.

A minha relação com os alunos evoluiu bastante bem e estes encontravam-se cada vez mais motivados, empenhados e concentrados nas suas aprendizagens. A sua pontualidade e assiduidade também melhoraram bastante o que reflete o aumento do seu interesse em progredir e evoluir no desempenho na disciplina.

Quanto à utilização e justificação dos procedimentos de informação sobre as atividades da aula de modo a assegurar a sua compreensão pelos alunos, foi evidente e deste modo as aulas decorreram com sucesso. Apresento uma grande facilidade nos momentos de instrução, sendo este um dos meus pontos fortes. O trabalho constante no que diz respeito ao conhecimento sobre todas as matérias da disciplina de EF, levaram a que, nos casos onde surgiam dúvidas ou incertezas, tenha recorrido sempre à consulta de literatura da área e ao esclarecimento de dúvidas com os meus colegas de Estágio ou com o Professor Orientador. Consigo implementar um discurso claro, breve e organizado que se torna compreensível para os meus alunos. A linguagem utilizada também é adequada, sem nunca descurar os termos técnicos que também servem para enriquecer o vocabulário dos alunos. A introdução do questionamento dirigido foi sendo aperfeiçoada e revelou-se uma preciosa ajuda no ensinamento de conteúdos e como estratégia de controlo da atenção da turma.

Outro aspeto associado e também realizado com sucesso foi a demonstração das tarefas. Tentava sempre explicar da maneira o mais clara e simples possível o que se pretendia para cada aula e exercício. Também recorria, com frequência, a alunos competentes para me ajudarem nas demonstrações. Deste modo, é possível envolver melhor os alunos na disciplina, e permite-me, não só, valorizar e elogiar o

desempenho, como destacar e enunciar alguns erros mais comuns dos alunos, enriquecendo assim a minha instrução.

Apesar de me sentir confortável nesta competência existiram investimentos durante esta etapa e, como é óbvio, existem aspetos que podem ser melhorados.

No que diz respeito à minha intervenção e observação pedagógica, é de referir que estes dois aspetos sofreram uma evolução gradual e positiva. A maior dificuldade sentida foi na disponibilidade em intervir e corrigir de forma cinestésica quando me preocupava, principalmente, com situações de logística, organizativas e de controlo da turma, e ainda o facto da distribuição da atenção ser desequilibrada o que resultava numa fraca intervenção junto de algumas matérias, considerando que a maior parte das aulas eram politemáticas.

Outro aspeto que deve ser constantemente aperfeiçoado é o ciclo de *feedback*. Nas primeiras aulas não dominava, de todo, esta competência, e, raramente fechava o ciclo. Contudo, progressivamente consegui melhorar esta competência pois é algo que precisa de constante treino e consolidação. Como referi, um dos meus principais objetivos neste ano de formação, passava por aperfeiçoar o mais possível a minha intervenção pedagógica e a riqueza dos meus *feedbacks*, pois esta é considerada uma das variáveis de sucesso da prática pedagógica (Rodrigues, 1995). A variedade dos *feedbacks* transmitidos e o seu ciclo também sofreram uma evolução positiva, competências que pretendia adquirir este ano. No que respeita ao feedback, segundo Rodrigues (1995), os estagiários têm tendência a incidir mais no conteúdo da execução técnica, e os profissionalizados dão maior atenção ao fator afetivo e motivacional. Por outro lado, o mesmo autor, acrescenta ainda que os estagiários estão mais atentos á investigação recente o que é um fator crucial para a otimização da aprendizagem dos alunos.

As tarefas propostas foram adequadas às necessidades dos alunos e a melhoria na realização da avaliação formativa serviu para adequar algumas situações de aprendizagem. Este é um processo que decorreu com uma certa naturalidade e sem grandes dificuldades.

Uma das grandes vantagens e benefícios que senti neste estágio foi a contribuição muito positiva que o método de trabalho estipulado pelo Professor José Corte nos proporcionou. Observámos as aulas dos nossos colegas do núcleo de estágio e pudemos participar ativamente nas aulas do Professor. Para além disso, lecionei três aulas dos colegas de estágio e duas do orientador de escola. Este exercício revelou-se de extrema importância no constante aperfeiçoamento e melhoria da minha

intervenção pedagógica e na interação e partilha de conhecimentos (num clima formativo de transmissão de críticas construtivas) o que enriqueceu de forma única este processo. A discussão e fundamentação do desempenho nas aulas deixou de ser excessivamente descritiva, como era inicialmente, para ser mais prescritiva. O núcleo de estágio trabalhou na transmissão e proposta de estratégias para ultrapassar as dificuldades observadas. Os estagiários procuraram implementar as estratégias propostas, de modo a promover o seu aperfeiçoamento na intervenção pedagógica. A observação e análise da intervenção tornaram-se cada vez mais eficazes e objetivas e deverão ser trabalhadas continuamente.

No desenvolvimento de todas as atividades descritas, foi demonstrada responsabilidade no cumprimento dos compromissos planeados, capacidade de cooperação com os diferentes intervenientes, num clima de cordialidade e respeito, de interajuda e sentido crítico.

Área 2 – Inovação e Investigação

Para a concretização dos objetivos no conjunto de competências a desenvolver neste estágio, o contributo do trabalho desenvolvido pelo NE na unidade curricular de Investigação Educacional (IE) na parte curricular do mestrado pedagógico foi indispensável.

O problema a investigar foi encontrado pela consulta de planos de turma anteriores, nos quais constatámos grandes diferenças nos níveis atribuídos aos alunos quando comparados com a nossa avaliação inicial. Visto que o problema deve ser sentido pela comunidade escolar procurámos clarificar com o Professor José Corte esta discrepância no sentido de perceber se realmente era um problema recorrente. Depois de reunir com o NE foi possível definir o problema a ser trabalhado nesta área.

O passo seguinte foi conceber um processo integrado de caracterização do problema com recurso a um quadro teórico de referências, válido e fiável, identificando e justificando as decisões de ordem metodológica, nomeadamente os processos de recolha e tratamento de informação, e, foi na elaboração desse processo que sentimos (o núcleo de estágio) grandes dificuldades. Não conseguíamos progredir com o problema por dificuldades na procura de bibliografia auxiliar.

O problema identificado pelos professores estagiários no início do ano letivo está essencialmente ligado à fiabilidade, inter-observador, no momento da recolha de informação. Através de uma consulta dos planos de turma e avaliações de anos anteriores, foi possível verificar uma significativa discrepância em relação ao nível dos alunos entre o final de um ano letivo e o início de um novo ano. Como já referido, verificou-se a ausência de qualquer grelha única de registos para os professores de educação física da escola, impedindo retirar uma otimização ao nível da uniformização dos registos obtidos durante as avaliações dos níveis do desempenho dos alunos. Foi também importante a opinião do professor orientador da escola que, conjuntamente com os professores estagiários, partilhou a necessidade sentida pelos professores de todo o grupo em relação ao tema em estudo.

Os aspetos relacionados com a avaliação não tem acompanhado a evolução da disciplina de EF (Comédias, 2005). De acordo com a opinião de Onofre (1996) a avaliação pode ser considerado um elemento fundamental no suporte ao processo de aprendizagem dos alunos. Trata-se de um processo que nos permite identificar as dificuldades e capacidades dos diferentes alunos e como tal, é importante que a avaliação seja o mais rigorosa e fiável para potenciar a sua aprendizagem.

No seguimento dos passos inerentes a uma investigação, conteúdos da unidade curricular de Investigação Educacional, procurou-se fundamentar teoricamente a problemática em estudo com um suporte bibliográfico. Deste modo, surge a pergunta de partida desenvolvida pelo grupo: "Como preparar os professores de educação física para a homogeneização na recolha de informação no contexto da Escola Básica D. Domingos Jardo?".

Quanto à metodologia utilizada no estudo, foi delineada segundo a hipótese levantada: "Existe maior discrepância na observação dos professores quando cada professor recorre ao seu método individual de avaliação comparativamente à aplicação da grelha comum de registos com critérios de observação previamente definidos" e os objetivos específicos do mesmo passam por:

- Verificar a coerência das avaliações aferidas pelos diferentes professores de Educação Física da EBDDJ, considerando a classificação dos níveis dos PNEF nas matérias de Ginástica de Solo e Andebol;
- Analisar a coerência das avaliações aferidas pelos diferentes professores de Educação Física da EBDDJ, em dois momentos distintos de observação. Num primeiro momento, cada professor avalia os alunos de acordo com o seu método individual de avaliação, enquanto no segundo momento cada professor realiza a sua avaliação com suporte de uma grelha de observação com critérios definidos;
- Verificar se a utilização de uma grelha de registos comum a todos os professores, integrando critérios de observação específicos de cada matéria, poderá contribuir para homogeneizar a recolha de informações entre os professores durante o seu processo de avaliação nas diferentes matérias;
- Propor um conjunto de sugestões metodológicas que possam contribuir para a resolução do problema identificado.

A amostra foi constituída pela maioria do grupo de professores de EF da EBDDJ (7 professores).

O procedimento consistiu na observação do desempenho de um grupo de 8 alunos do 7º ano em situação de jogo reduzido de Andebol e a realizar uma sequência de elementos gímnicos em dois momentos distintos (dois grupos de alunos diferentes). A seleção destas matérias é justificada pelo facto de se pretender proporcionar uma avaliação de cada uma das matérias nucleares dos PNEF, optando-se pelo Andebol devido à sua característica de jogo desportivo coletivo de invasão, com aspetos próprios mas comuns a outras matérias de modalidades

coletivas e nucleares (caso do Basquetebol ou Futebol), e pela Ginástica de solo por ser uma matéria de cariz individual com extrema relevância no quadro de composição curricular da disciplina de Educação Física na Escola Básica D. Domingos Jardo. Ressalva-se ainda, que se estudaram apenas duas modalidades por razões relacionadas com os reduzidos recursos temporais disponíveis para o presente estudo.

No primeiro momento foi pedido aos professores para fazer um registo do nível dos alunos, sem folha de registo ou com a que normalmente utilizariam nas suas aulas. No segundo momento foi solicitado aos mesmos professores para observar o grupo de alunos a realizar as mesmas duas matérias e registar na folha de registos com critérios que elaborámos (núcleo de estágio) durante o início do 2º período. Toda esta sessão (dois momentos) foi gravada em formato de vídeo para uma melhor e mais precisa análise dos resultados obtidos. A esta sessão apenas faltou um dos professores de EF, o que considerámos positivo visto que são 8 na totalidade. A maior dificuldade prendeu-se com o tratamento de dados recolhidos e por esta razão contactámos um professor da FMH que se disponibilizou para nos ajudar com essa tarefa.

Considerando que a avaliação implica uma grande componente de subjetividade, sabe-se que o processo de avaliação deve, acima de tudo, contemplar instrumentos que sejam suficientemente objetivos para que possam ser fáceis de interpretar e utilizar. A análise dos dados foi feita com recurso ao programa estatístico SPSS, e que procurou avaliar o nível de diferença nos registos dos professores de EF (n=7), nos dois momentos, o 1º em observação livre de acordo com os critérios e instrumentos de cada professor e o 2º observação e registo com o instrumento desenvolvido.

Os resultados revelaram que a discrepância na avaliação entre professores diminuiu com a utilização do instrumento de registo facultado pelo núcleo de estagiários. No entanto essa diferença foi mais significativa na observação da ginástica a solo do que na matéria de andebol.

Podemos concluir que na maioria das observações os professores acabaram por revelar uma avaliação mais convergente, já que em apenas um dos alunos se verificou menos de 50% de concordância em relação ao nível a atribuir.

Em síntese, tendo em conta que nas duas matérias observadas foi possível verificar que 50%, ou mais das observações dos professores revelaram maior coerência (após a utilização da grelha elaborada para este estudo), podemos

afirmar que, de acordo com o objetivo do estudo, a recolha de informação é mais fiável com a utilização de uma grelha comum de registos. Resultados que contribuem para a uniformização dos resultados das avaliações dos professores da amostra, tornando-se um instrumento valioso para alcançar observações mais fiáveis para um melhor planeamento de acordo com o nível de cada aluno.

Ainda foi realizada uma apresentação deste mesmo estudo aos professores do GEF, que por sua vez tinham também participado, e ao orientador de faculdade Professor Acácio Gonçalves. Este momento realizou-se na sala de audiovisuais da EBDDJ, à hora de almoço, e foi seguido de um pequeno momento de discussão. Estes momentos de partilha dos resultados do estudo entre docentes participantes foram de extrema importância, não só porque estiveram ativamente envolvidos como poderá aumentar a probabilidade de adesão à utilização do novo instrumento de registo desenvolvido. Acrescento ainda a sugestão que futuramente, a se aproveite o espaço das reuniões de departamento para promover discussões sobre diferentes situações de aprendizagem e avaliação em diferentes matérias, visando uma melhoria do conhecimento coletivo sobre os conteúdos dos PNEF e a fim de alcançar um maior grau de homogeneidade na atribuição dos níveis dos alunos entre diferentes professores.

Área 3 – Participação na Escola

Sendo este estágio uma oportunidade única de formação e de enriquecimento profissional e pedagógico, faz todo o sentido utilizá-lo de maneira a procurar um maior enriquecimento individual e, se possível, aproveitá-lo para colmatar algumas lacunas/necessidades formativas pessoais, de modo a aperfeiçoar a minha intervenção como profissional do ensino em EF. A experiência que o estágio me proporcionou foi excepcional, ou seja, irá ser muito difícil, durante a minha vida profissional em constante formação, beneficiar novamente de um acompanhamento personalizado, diário e qualificado no planeamento e condução do treino desportivo de uma modalidade durante um ano inteiro, como já referido. Perante este cenário a aprendizagem torna-se muito mais significativa e rica se eu apresentar algumas ambições e necessidades de aperfeiçoamento de uma modalidade na qual me identifico mais e, conseqüentemente, na qual serei mais competente. Foi nesse sentido que escolhi a modalidade de Natação Adaptada dentro daquelas que poderia optar (Voleibol, Badminton, Patinagem e Natação Adaptada) para acompanhar, dos Núcleos de Desporto Escolar (DE), visto ser esta, aquela onde sinto que posso evoluir e aprender mais e desta maneira dar mais significado ao estágio pedagógico. Penso que tenho cumprido de forma positiva com todos os objetivos estipulados nas competências referentes ao DE.

Na minha opinião, a participação nas diversas atividades que a escola propõe é essencial. Por esta razão procurei oportunidades de aprendizagem disponibilizando-me constantemente para todas as visitas de estudo, participei em todas as atividades propostas pelo DEF, e ainda para todo o tipo de tarefa que me fosse sugerido. Assumi várias funções, não só associadas à natação adaptada, como também nas atividades de Voleibol.

No que se refere à condução dos treinos, desde a primeira sessão o professor responsável deu-me a liberdade total para intervir e participar. A lógica implementada é a de que, com o decorrer do tempo, eu me fosse integrando cada vez mais na dinâmica da condução dos treinos (3ª-feiras). Este processo decorreu com naturalidade e até tive a oportunidade de conduzir umas sessões de treino com alguns alunos, mas sempre com a presença do professor. Neste âmbito, uma das dificuldades que senti inicialmente, foi o insuficiente conhecimento que possuía de natação adaptada. Nesse sentido, estudei e trabalhei para aprender o mais possível das didáticas de ensino e treino da modalidade. Deste modo, tentei enriquecer, aumentar e

melhorar a minha intervenção nos treinos e conseqüentemente aperfeiçoar-me como profissional de EF.

Outra dificuldade sentida foi a da criação de um planeamento anual de treinos, isto porque é uma modalidade distinta das restantes. Este espaço serve para alguns como estímulo e motivação para melhorar o desempenho na prática da natação, para outros o treino é focalizado como trabalho de melhoria na coordenação motora, entre outras. O objetivo do treino depende das capacidades demonstradas pelos alunos. O horário criado foi o mais rentável em termos de disponibilidade do professor e da maioria dos alunos, mas nem todos eles conseguiam frequentar todos os treinos. O grupo também era muito novo, quando comparado com o existente no ano anterior, mas houve a preocupação de tentar integrar alguns alunos já experientes, com o objetivo de motivar os alunos que estão a iniciar a sua prática e introduzir um pouco mais de qualidade à equipa de Natação Adaptada do DE. O objetivo era promover a entajuda, cooperação e criar exemplos positivos, ou seja, alunos/pares, com diferentes capacidades e motivados a superar dificuldades. Uma grande dificuldade prendeu-se com a realidade vivida durante os treinos, e teve a ver com, a grande variação no número de alunos que os frequentam assim como o seu nível de desempenho, e nem sempre estavam motivados para realizar as tarefas que lhes eram solicitadas. Perante este cenário, procurou-se não só, identificar as atividades que eram mais atrativas e que induziam a uma maior adesão dos alunos com NEE como também, procurar adequar essas atividades às necessidades individuais de cada um. Outra estratégia também utilizada foi identificar os elementos chave “líderes” no grupo e que pudessem servir de modelo para estimular a participação dos outros nas atividades planeadas.

A necessidade de alterar constantemente o planeamento de acordo com as características dos alunos presentes no treino e a sua predisposição para realizar as atividades de natação adaptada, associada à grande complexidade e diversidade das capacidades e potencialidades que cada aluno com NEE apresenta, constituiu um dos maiores desafios como professora. Exigiu uma grande capacidade de improvisação, criatividade e de adaptação, sem desviar a atenção das necessidades específicas de cada um.

Outra atividade em que o NE participou ativamente foi o projeto “Quintal Desportivo” inserido no PEA, um exemplo associado à conceção, implementação e avaliação de uma ação de intervenção adaptada às características e às necessidades específicas da escola, já referido anteriormente. Esta atividade teve como principal objetivo promover a interação entre todos os alunos do 4º ano das várias escolas do 1º ciclo do agrupamento, através da prática da atividade física. Na organização desta atividade,

pretendeu-se que um grupo total de 234 alunos do 4º ano fosse dividido em dois grupos, de forma a incluir um grupo para atividades no período da manhã (cerca de 112 alunos) e um grupo para as atividades no período da tarde (cerca de 122 alunos). Refira-se ainda, que cada grupo de alunos veio acompanhado por 2 professoras de cada uma das 5 escolas do 1º ciclo do agrupamento. Na realização da atividade propriamente dita, os alunos percorreram um total de 10 estações com abordagens a diferentes matérias da disciplina de Educação Física. Cada estação teve uma duração de 8 minutos. As dez estações incluíram atividades relacionadas com as matérias de ginástica de aparelhos (salto no plinto, trave olímpica, salto no mini – trampolim), ginástica de solo (rolamento à frente), aptidão física (cálculo de IMC) e jogos pré-desportivos. Após a execução da atividade, tornou-se importante realizar uma avaliação a fim de perceber se o objetivo da mesma foi alcançado, identificando os pontos positivos e os menos positivos como aspetos a melhorar numa próxima atividade. De acordo com o plano da atividade que estava definido no projeto, conseguimos cumprir com a realização de todos os exercícios propostos. O facto de termos conseguido realizar a totalidade dos exercícios com todos os alunos é um ponto positivo da atividade, porque permitiu que os alunos contatassem com um maior número de exercícios e experimentassem tarefas variadas de diferentes matérias – tarefas em que terão oportunidade de desenvolver os conteúdos no próximo ano letivo.

Área 4 – Relação com a Comunidade

De acordo com Almeida (2012), o diretor de turma é responsável por acompanhar, apoiar e coordenar os processos de aprendizagem e de comunicação entre os alunos, professores e encarregados de educação. O mesmo autor acrescenta ainda que a sua intervenção não deve ser reduzida ao mero cumprimento legal das suas funções, mas que deve desenvolver competências ao nível da liderança, comunicação e relações interpessoais de forma a atuar como um agente de mudança.

Refletindo sobre a experiência que tive ao acompanhar uma diretora de turma, várias situações foram significativas, como por exemplo o caso de uma aluna que chegou na 3ª semana e integrava a turma pela primeira vez, que desde logo demonstrou comportamentos desviantes nas aulas de Educação Física e estabelecia conversas com os restantes colegas da turma. Contudo, os comportamentos desviantes foram diminuindo assim como as conversas com os colegas, e naturalmente as suas aprendizagens tiveram uma evolução positiva, que coincidiu com uma maior aceitação por parte dos colegas. Considero que tal deveu-se a dois fatores: primeiramente ao facto de serem estabelecidas conversas individuais com a aluna no final da aula, promovendo a reflexão sobre os seus comportamentos e atitudes e permitindo-me perceber o porquê da sua ação; e em segundo lugar à possibilidade de conversar com o seu encarregado de educação, tanto no horário destinado ao atendimento aos pais e encarregados de educação como nas reuniões. Estes encontros estabelecidos com os encarregados de educação, revelaram-se cruciais, uma vez que permitiram compreender, contexto familiar, os comportamentos que o aluno adotava em variadas situações percebendo de que forma é que podíamos ultrapassar a situação em sala de aula. No contexto da turma, as conversas estabelecidas com os alunos e com os encarregados de educação traduziram-se em informações fundamentais e complementares às recolhidas no início do ano letivo, contribuindo para uma ação mais eficaz do professor, no processo de ensino-aprendizagem, ao longo do ano letivo. Estas reuniões mostraram-se ainda fulcrais na integração no papel que o diretor de turma desempenha, na recolha e transmissão de informações entre alunos e encarregados de educação, que serão fundamentais ao desempenho competente desta função.

Em relação ao desenvolvimento das atividades da diretora de turma que eu acompanhei, foram uma grande contribuição para a aquisição de competências que facilitaram a cooperação com os meus pares, num clima de cordialidade e respeito. A

grande dificuldade prendeu-se com a falta de disponibilidade em reunir com os diversos intervenientes para começar a definir os aspetos logísticos da atividade.

Foi possível apreciar criticamente, identificar, e intervir ativamente nas atividades inerentes à direção de turma e do conselho de turma. Pode afirmar-se que papel do Diretor de Turma (DT) é fundamental para o sucesso educativo de uma turma pois trata-se de um dos principais mediadores entre os diversos intervenientes no processo educativo - alunos, Encarregados de Educação e Professores (Almeida, 2012). Tendo este facto em conta, faz todo o sentido que estas funções estejam integradas num estágio pedagógico para a formação de professores. Para além de nos possibilitar contactar com outras “realidades” do processo de formação dos alunos, como o contacto com os encarregados de educação ou o trabalho colaborativo com professores de outras áreas disciplinares, permite também um envolvimento, com maior efetividade na comunidade escolar, através de um acompanhamento sempre qualificado do DT:

“o DT assume-se como uma figura de gestão intermédia da escola, com responsabilidades específicas na coordenação de todos os docentes da turma, pela promoção do desenvolvimento pessoal e social dos alunos e sua integração no ambiente escolar, bem como pelo relacionamento estabelecido entre a escola, os EE e a comunidade, onde a sua intervenção, coordenação e orientação, pode resultar na realização de um trabalho efetivo e participado por todos.” (Almeida, 2012, p. 80).

Como já referi foi elaborada e aplicada uma ficha de identificação do aluno que permitiu elaborar o Estudo de Turma e também uma ficha que consistiu num questionário sociométrico e um de imagem corporal, e ainda uma ficha biográfica complementar á realizada no início do ano. A análise destes resultados permitiu ter um conhecimento mais profundo das necessidades, preferências e experiencias anteriores dos alunos e divulgar pela restante equipa de docentes de forma a melhorar progressivamente o processo de ensino e aprendizagem destes alunos. Uma grande vantagem do teste sociométrico é o facto deste instrumento estar focado nas escolhas pessoais dos alunos e tornar possível ao professor utilizar a informação para: evitar comportamentos desviantes separando alunos que interajam mal de modo a combater atritos desnecessários durante as aulas; compreender a natureza de algumas interações positivas ou negativas entre os alunos; constituir de forma mais sustentada os possíveis grupos de trabalho para as atividades, de modo a potenciar mais eficazmente a aprendizagem dos alunos.

Nesta área, todo o trabalho junto da diretora de turma (DT) sofreu um grande investimento o que resultou num clima aberto, cooperativo, responsável e criativo junto desta. Cooperei e auxiliei em todas as funções inerentes à direção de turma: ajudei a preparar as reuniões com o Conselho de Turma e com os EE, onde tive a oportunidade de participar ativamente, registei as faltas dos alunos no sistema informático da escola, lecionei em coadjuvação com a professora as aulas de Cidadania e estive sempre presente, todas as semanas, no horário de atendimento aos EE onde também tratava do trabalho burocrático com a respetiva professora.

O planeamento e condução das aulas de Cidadania, como referido anteriormente, é mais uma das funções do DT, uma área curricular não disciplinar na qual se pretende a sistematização e operacionalização de alguns conteúdos que, quando aplicados poderão garantir o exercício da cidadania como uma prática responsável pois o objetivo é mesmo apresentar os princípios e competências que o estruturam. A partir do meio do 1º Período, a diretora de turma permitiu-me um maior controlo e liberdade para o planeamento das aulas de Cidadania, em particular duas aulas em que vimos o filme JUNO, e outra na qual fizeram a apresentação de uma reflexão sobre o tema do filme: gravidez na adolescência. Outra atividade que desenvolvi foi resultado do mau aproveitamento de 3 alunos, que estavam em risco de não transitar. Esta atividade consistia em responder, por escrito, a várias questões relacionadas com a não transição dos alunos, como por exemplo “O que dirias a um amigo para ele não chumbar?” Na aula seguinte, cada um dos alunos leu as suas respostas à frente da turma e os restantes podiam fazer 2 perguntas. Esta atividade teve um grande impacto na postura de um dos alunos que estava prestes a reprovar e que fazia parte do grupo dos mais populares (repetente). Estas sessões foram utilizadas para tarefas de direção de turma como justificação de faltas e resolução de problemas.

Tive a oportunidade de dirigir e conduzir diversas aulas da disciplina Cidadania (sempre com a presença da DT) o que se revelou enriquecedor pois trabalhei junto dos meus alunos num contexto diferente e sobre matérias variadas. A única dificuldade sentida foi o cumprimento do planeamento pois estavam estipulados 4 simulacros de incêndio por período e só foram realizados 2.

No 2º período, após a discussão das classificações do 1º período com a DT, decidi dar apoio semanal com o intuito de que os três alunos que tinham mais de 3 negativas conseguissem melhorar as notas até ao 3º período de forma a terem sucesso para transitarem. Estas explicações realizaram-se após autorização dos EE (informação providenciada na reunião de EE e DT), da DT e da direção da escola. Por falta de espaços disponíveis na EBDDJ, foram-me facultados espaços alternativos que

variavam semanalmente conforme a disponibilidade. Foram utilizadas a sala de audiovisuais, a sala de TIC, salas de estudo, etc.. Este espaço foi maioritariamente utilizado para fazer os trabalhos de casa ou exercícios para realizarem em casa. Também existiram ocasiões em que outros alunos da turma participaram por iniciativa própria (tentei promover a interajuda entre os colegas com mais dificuldades) o que me fez sentir uma enorme satisfação, principalmente pelo facto dos 3 alunos terem transitado para o 8 ano sem negativas. Um dos alunos no 3º período desistiu, após conversa com DT e EE em que se decidiu que no ano seguinte iria optar por se inscrever num curso profissional, o que resultou na desmotivação do aluno, no fim do ano letivo, para os seus resultados no geral.

Todo este processo beneficiou-me não apenas a nível profissional como também pessoal, principalmente o *feedback* positivo demonstrado pelos encarregados de educação, a DT (que foi um enorme apoio) e pela diretora da escola que louvou todo este trabalho que pedi para realizar mesmo não estando incluído no programa e no horário de estágio.

Articulação entre as diferentes áreas de estágio

Ainda que cada uma das áreas referidas tenha exigido uma atenção especial em determinados momentos do estágio, a multiplicidade de aprendizagens adquiridas em cada uma, a reflexão crítica continuada sobre as dificuldades encontradas e o planeamento do que seria necessário fazer para as ultrapassar, estiveram sempre presentes. O facto de explicar detalhadamente o que foi realizado em cada uma das áreas, pode eventualmente gerar a ilusão de que se constituem áreas isoladas umas das outras, no entanto, a realidade da ação quotidiana demonstrou precisamente o contrário.

A área 1 influenciou a área 4 através da organização e prática para um melhor controlo da turma na condução das aulas de Cidadania. Como a disciplina de EF tem uma organização distinta das restantes, foi possível recolher informação crucial sobre os alunos durante as aulas. O ambiente de maior liberdade de interação entre eles, permitiu aferir relações, o que depois foi confirmado com o estudo de turma. Tem também uma relação positiva com a área 3, no meu caso com o núcleo de Natação Adaptada, através do treino da transmissão de feedback, a prática de reação/adaptação a imprevistos e estratégias de controlo de comportamentos fora da tarefa. Foi ainda através de um problema identificado no âmbito da área 1, relativamente à discrepância nos critérios de avaliação do desempenho dos alunos durante o planeamento, que surgiu a questão trabalhada pelo NE na área 2, que culminou numa proposta que procura uniformizar a informação recolhida pelos professores de EF.

A necessidade de realizar investigação, surge dos problemas encontrados na prática dos professores e procura identificar formas de melhorar o seu desempenho, contribuindo assim para o processo ensino-aprendizagem. Deste modo, a área 2 tem influência vincada nas restantes, visto que, com a investigação se promove a inovação pedagógica e a procura constante pela melhoria do processo de ensino-aprendizagem. Permite um planeamento e organização em constante melhoria, como por exemplo o trabalho realizado pelo NE, que tem o objetivo de uniformizar os dados recolhidos pelos professores do GEF. Como já referi, todas as áreas estão interligadas e influenciam-se mutuamente.

Durante o ano letivo, a condução do DE (área 3) passou por mim na totalidade, para o que adotei diversas estratégias para adequar as atividades e intervenção à imprevisibilidade de uma população com NEE. Esta prática exigiu uma cuidadosa organização e gestão do ensino e aprendizagem com as adequações pedagógicas e

curriculares aplicadas na área 1. Como já referi, através da prática baseada nos resultados da investigação (área 2) é possível que o docente se mantenha atualizado e motivado para as suas práticas, desafiando-se constantemente a inovar e melhorar o seu desempenho.

A área 1 foi também influenciada pela partilha de informação sobre a vida escolar e familiar dos alunos não só com a DT, como também dos EE e da restante comunidade escolar. Esta partilha de informação foi importante nas tomadas de decisão relacionadas com o planeamento, a organização e condução das aulas de EF. O facto dos alunos no DE serem acompanhados por um responsável do núcleo de Educação Especial, permitiu uma troca de informação entre os diferentes profissionais que formam a equipa pedagógica, promoveu um melhor conhecimento sobre as necessidades dos alunos e, conseqüentemente, adequar as estratégias pedagógicas de forma a melhorar o processo de ensino-aprendizagem. A satisfação face ao reconhecimento de alguns EE destes alunos (área 4) através do seu *feedback* constituiu uma grande motivação e incentivo para melhorar cada vez mais o meu desempenho.

Todos os desafios que foram surgindo obrigaram à ponderação do melhor caminho a percorrer em função da avaliação efetuada. Assim, considero que as quatro áreas foram transversais a todo o processo de formação, articulando-se e relacionando-se entre si. Simultaneamente, constituíram os pilares que sustentaram e irão sustentar o meu desempenho enquanto docente no futuro.

Considerações Finais e Perspetivas para o Futuro

Este documento revela-se como um exercício necessário e importante neste momento de formação. Serviu para analisar e refletir acerca do trabalho realizado no estágio pedagógico do Mestrado em Ensino da Educação Física (EF) no Ensino Básico e Secundário, ao longo do ano letivo, o que me possibilitou tornar numa melhor docente de EF, aperfeiçoando não só a minha intervenção pedagógica mas também a minha participação na comunidade escolar.

“O estágio em situação real é geralmente considerado pelo estagiário como a fase mais importante e significativa da sua formação profissional”. (Siedentop, 1983)

Em cada palavra desta frase estão representadas as minhas expectativas, receios e dificuldades. Sinto-me aliviada, mais segura e confiante por ter tido a possibilidade de fazer um estágio com estas características antes de ser “lançada no mundo do trabalho”.

Este percurso, sempre ancorado numa atitude reflexiva, permitiu identificar e otimizar oportunidades de aprendizagem, aprofundando os domínios de competências do professor de educação física. Sem dúvida que este foi um ano marcante e caracteristicamente carregado de aprendizagens e experiências que nos podem definir como professores de EF para o resto da nossa carreira profissional. Contudo, é essencial que o processo de formação não se termine com o estágio. Tudo no nosso planeta está em constante atualização e a EF não é exceção. Novas teorias, novos métodos, novas modalidades aparecem e é fundamental que haja um esforço para me manter atualizada. Posso não saber o caminho do futuro, mas sei que não quero ser mais uma professora que não consegue acompanhar a evolução natural das várias áreas científicas, principalmente as que preparam e definem os seres humanos da nossa sociedade. Este percurso reforçou que a aprendizagem é contínua ao longo da vida e que se deve situar num eixo de atualização e desenvolvimento profissional, e, embora existindo ainda um longo caminho a percorrer, já foram dados importantes passos que consolidaram a responsabilidade de não abandonar o caminho de aprofundamento e consolidação das competências de docente de Educação Física, na procura permanente da excelência na prática profissional.

Não sendo possível a descrição da globalidade de conteúdos adquiridos e partilhados nas experiências vivenciadas durante este estágio, tentei realçar as principais atividades desenvolvidas e que mais contribuíram para o desenvolvimento de competências como futura professora de EF. Relativamente às diversas áreas

preconizadas para este Estágio Pedagógico, foram sempre encaradas como uma oportunidade para intervir noutros assuntos da competência do professor, conseguindo assim um conhecimento mais global sobre o espectro de atuação do profissional da Educação.

Quanto à Área 3, gostei particularmente, mas esperava maior acompanhamento, aliás, a minha escolha em trabalhar junto do Núcleo de DE de Natação Adaptada não foi uma escolha aleatória. Aliada a esta escolha estava a intenção de atribuir o maior significado possível ao meu estágio pedagógico. Nesse sentido, acredito que ao participar numa formação contínua e acompanhada por um professor experiente e competente, de uma modalidade do meu interesse e que, por sua vez, foi pouco explorada durante o meu percurso académico, foi uma mais-valia para a minha carreira.

Na Área 4, o acompanhamento da DT foi de extrema importância para mim. Há tantos aspetos que não são visíveis, e que, enquanto alunos, não temos qualquer noção de toda a dinâmica associada às funções da diretora de turma, realidade que este ano tive a possibilidade de conhecer, alargando muito os meus “horizontes”. Apesar de ser uma área de intervenção do professor que envolve algum trabalho e responsabilidade, quando há motivação e vontade no desempenho dessas funções torna-se muito gratificante. No geral, A EBDDJ acolheu-nos de modo a que nos sentíssemos como verdadeiros professores, e isso fez-me sentir bem. A transição de aluna para professora é um processo que inicialmente se “estranha mas logo se entranha”. A forma como encaramos o papel e as ações do Professor são determinantes para garantir a melhor educação dos jovens, porque não devemos afunilar as nossas capacidades para um conhecimento vertical sobre a nossa área, mas sim, procurar um conhecimento geral que permite uma intervenção verdadeiramente educativa de maneira a que um dia se tornem adultos responsáveis.

Esta análise crítica e reflexiva da minha experiência enquanto docente, orientou-se em torno das competências de cada uma das áreas de formação. E desenvolveu-se através da informação que se reparte pelos dados recolhidos ao longo do percurso de formação visado, pelas reflexões pessoais, ou outras explicações recrutadas na teoria (percurso académico anterior ou atuais investimentos de estudo).

Como perspetiva para o futuro, pretendo continuar a investir na área da docência em educação física, e, também na inclusão de crianças com necessidades educativas especiais (NEE). Por se tratar de uma área de especial interesse, pretendo dar continuidade ao trabalho com as crianças e jovens com Spina Bifida/Lesão Medular,

através do programa de desporto adaptado, programa este que visa a sua motivação para a prática de atividade física e promoção de estilos de vida saudáveis.

Está nos meus planos também, a finalização de um estudo de investigação em curso, cujo objetivo é avaliar o efeito de um programa de desporto adaptado na motivação para o exercício, na autoestima e no autoconceito do aluno. Trata-se de um estudo com uma avaliação pré e pós implementação do programa de desporto adaptado. Foram utilizados como instrumentos de recolha de dados uma Escala de Autoconceito (Self Perception Profile de Susan Harter) e o Questionário de Motivação para o Exercício traduzido e adaptado por José Alves e António Lourenço em 2001 (The Exercise Motivations Inventory – 2 original Prof. Doutor David Markland). O programa já foi implementado a 58 jovens com Spina Bífida/Lesão medular e os dados foram recolhidos nos Campos de Treino de 2014 e de 2015. Atualmente vai ser iniciada a análise dos dados com recurso ao programa SPSS 20.

Finalizando, importa sublinhar que este foi um caminho aliciente que, pelo efetivo desenvolvimento de competências pessoais e profissionais, imprimiu uma dinâmica de mudança no contexto da prática na docência, procurando desta forma, contribuir para a afirmação social do valor do professor de educação física, e, acima de tudo, o valor da disciplina de educação física no sistema educativo com repercussões a curto e longo prazo na saúde da população portuguesa.

Referências Bibliográficas

- Almeida, S. J. S. C. O. (2012). *A ação do diretor de turma na promoção do trabalho colaborativo do conselho de turma*. (Dissertação de Mestrado, Escola Superior de Educação Almeida Garrett, Lisboa). Recuperado de: <http://hdl.handle.net/10437/2889>.
- Araújo, F. (2007, Jan.-Jun.). A avaliação e a gestão curricular em educação física: um olhar integrado. *Boletim da Sociedade Portuguesa de Educação Física*, (32), 121-133.
- Brain, F., Gondim, S., & Chaves, M. (2003). Perfil profissional, formação escolar e mercado de trabalho segundo a perspectiva de profissionais de recursos humanos. *Revista Psicologia: Organizações e Trabalho*, 3 (2), 119-151. Recuperado de: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/rpot/article/view/7234>
- Brás, J., & Monteiro, E. (1998). A importância do grupo para o desenvolvimento da Educação Física. *Revista Horizonte*, 15 (86), I-XII.
- Carvalho, L. (1996). O Estudo da Socialização dos Professores em Educação Física: Uma Revisão e um Convite. *Boletim Sociedade Portuguesa de Educação Física*, 13, 11-37.
- Comédias, J. (2005). Como organizar as provas de avaliação aferida em Educação Física – proposta global. *Revista Horizonte*, 20 (118), 3-9.
- Costa, F. C. (1995). *O Sucesso Pedagógico em Educação Física: estudo das condições e factores de ensino-aprendizagem associados ao êxito numa unidade de ensino* (Ciências da Educação). Lisboa: Edições FMH - Faculdade de Motricidade Humana.
- Costa, F. (1996). Formação de professores: objectivos, conteúdos e estratégias. In F. Carreiro da Costa, L. Carvalho, M. Onofre, J. Diniz, & C. Pestana. *Formação de professores em Educação Física. Concepções, investigação, prática* (pp. 9-36). Cruz Quebrada: Edições FMH.

- Costa, J., Onofre, M., Martins, M., Marques, M., & Martins, J. (2013). A relação do trabalho coletivo do grupo de Educação Física com a gestão da ecologia da aula. *Boletim da Sociedade Portuguesa de Educação Física*, (37), 61-80.
- Duarte, M. F. L. F. (2009). *Articulação e sequencialidade nos agrupamentos de escolas*. (Dissertação de Mestrado, Universidade de Aveiro, Aveiro). Recuperado de: <http://hdl.handle.net/10773/1052>
- Felder, R. M., & Brent, R. (2005). Understanding student differences. *Journal of Engineering Education*, 94(1), 57-72.
- Jacinto, J., Comédias, J., Mira, J., & Carvalho, L. (2001). Programas de Educação Física – Reajustamento. Lisboa.
- Massoni, E. (2011). Positive Effects of Extra Curricular Activities on Students. *ESSAI*, 9 (1), 84–87. Recuperado de: <http://dc.cod.edu/essai/vol9/iss1/27/>
- Onofre, M. (1996). Educação Física sem Avaliação: Uma Perversão Consciente?. *Boletim da Sociedade Portuguesa de Educação Física*, (13), 51-59. Recuperado de: <http://www.spef.pt/image-gallery/24141765445915-Boletim-SPEF-13-Artigo-4.pdf>
- Rodrigues, J. (1997). A Análise da Função do Feedback em Professores Profissionalizados e Estagiários, no Ensino da Educação Física e Desporto In P. Sarmiento (Ed.), *Pedagogia do Desporto. Estudos 1-2-3* (Edição Especial Conjunta). 2ª Edição. (pp. 121-132). Lisboa: Faculdade Motricidade Humana
- Siedentop, D. (1983). *Developing teaching skills in physical education* (2nd ed., p. IV). Palo Alto, CA: Mayfield Publishing Company.
- Silva, L. (1997). Testes sociométricos: um útil instrumento de trabalho. *Revista Horizonte*, 14(80), 31-35.
- Sarmiento, P. (2004). *Pedagogia do Desporto e Observação*. Lisboa: Edições FMH - Faculdade de Motricidade Humana.